

Universidade Federal da Paraíba- Campus II
Centro de Humanidades - CH
Departamento de História e Geografia- DHG

Relatório do Estágio
Supervisionado

Campina Grande, Setembro , 1996

Universidade Federal da Paraíba
Centro de Humanidades- CH
Departamento de História e Geografia-DHG

Disciplina : Prática do Ensino em História no 1º e 2º graus.

Coordenadora da Prática : Eronides Câmara Donato

Orientadora : Nelma Baldin

Aluno : Ricardo Rodrigues Nascimento

Período : 96.1



Biblioteca Setorial do CDSA. Abril de 2024.

Sumé - PB

DEDICATÓRIA

Dedico este relatório a cinco pessoas, amigas, companheiras, solidárias, etc... , que tanto me ajudaram nesta jornada e juntos conseguimos vencer esta etapa de nossas vidas. São elas:

GUIA = Vamos em frente companheiro !

ANA CARLA = Minino, agente vai conseguir.

LUCIANA = Obrigado, por segurar a BARRA

VALÉRIA = Deus é Pai, não é Padastro

GLORIA = Fé em Deus, vamos conseguir

AGRADECIMENTOS

Acima de tudo, agradeço a **Deus** que sempre procurei sua sombra para me cobrir nas dificuldades, pois tudo que sou e tenho-a minha vida - agradeço a ele.

Aos meus pais e familiares, que sempre acreditaram em mim, na minha capacidade, pois sempre me deram forças e estenderam a mão quando fraquejei e pensei em desistir.

Às minhas orientadoras, **Nelma e Nilda** por serem pessoas que sempre tinham uma orientação a me dizer e que me ajudaram muito a crescer enquanto aluno, e amigo. Obrigado por acreditar.

E por fim, a este **exército de amigos** que adquiri durante esta caminhada, que com certeza, cada um deixou uma marca seja com um gesto, ou palavra.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	7
CAPÍTULO I - ESCOLAS ESTADUAIS: ONTEM E HOJE, UMA LUTA PARA SE MANTER.	
1 - Histórico das Escolas Estaduais.....	10
1.1 Escola Estadual de 1º e 2º Graus “ Ademar Veloso da Silveira”...11	
1.2 Escola Estadual de 2º Grau Elpideo de Almeida.....17	
CAPÍTULO II - ESTÁGIO: UMA LIÇÃO A CADA PASSO	
1 - Relato das experiências da Prática de Ensino.....	21
CAPÍTULO III - A RELAÇÃO ENSINO-APRENDIZAGEM ATRAVÉS DA AVALIAÇÃO	
1 - A relação Ensino-Apredizagem e a Avaliação.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
BIBLIOGRAFIA.....	39
ANEXOS :	
ANEXO 1.....	41
ANEXO 2.....	43
ANEXO 3.....	45
ANEXO 4.....	64
ANEXO 5.....	85
ANEXO 6.....	88

ANEXO 7.....	89
ANEXO 8.....	90
ANEXO 9.....	94
ANEXO 10.....	95
ANEXO 11.....	96
ANEXO 12.....	97
ANEXO 13.....	100

INTRODUÇÃO

**“ Aquele que tentou e não conseguiu é superior à aquele que nada tentou”
(Bud Wilkinson)**

Neste período (96.1) conseguimos ter uma experiência diferente dos semestres anteriores, pois para ministrarmos as aulas do 1º grau encontramos uma escola sem professor de história para as 5ª séries. E isto nos possibilitou inúmeras vantagens, já que ficou por nossa responsabilidade as turmas e sendo assim pudemos elaborar um planejamento, bem como aplicamos avaliações para nota. Mas com relação ao 2º Grau as aulas não foram possíveis de serem ministradas da mesma forma que o 1º Grau pois tivemos que acatar as exigências da escola.

Assim este relatório é uma tentativa de apresentar um relato sobre este Estágio Supervisionado da disciplina Prática de Ensino. Estágio este que para mim tem por objetivo proporcionar ao aluno um pouco de como é a realidade do seu campo de trabalho e como forma de lhes mostrar alguns indícios de como no dia-a-dia exercer sua profissão.

Neste caso, como forma de organizá-lo melhor, o presente relatório está dividido em três capítulos. No primeiro capítulo trataremos sobre o histórico das escolas onde estagiamos para situar melhor leitor quanto ao meio onde estagiamos e neste contexto procuramos focar sobre a escola desde a época de sua fundação e como está atualmente.

No segundo capítulo, relataremos todas as nossas experiências sejam elas individuais ou coletivas, pois apesar de trabalharmos em conjunto haviam

momentos em que era necessário nos separarmos. As dificuldades que tivemos, que não foram poucas, mas que muitas conseguimos superar e neste para melhor compreensão organizamos ele em três pontos, **Planejamento, Aplicação das aulas e Avaliação das mesmas**, onde estes dois últimos estão incluídos num item só.

No terceiro capítulo, a nossa preocupação será em torno de uma discussão teórica sobre um dos aspectos da aula, que no caso escolhido foi a avaliação por entendermos que esta seja a parte mais complexa de um plano de aula. Porém, ela está dividida em duas partes: a primeira onde apresentaremos como a avaliação é definida pela literatura especializada e a segunda, relata sobre as minhas experiências que no início foram justamente ao aplicar a avaliação.

Portanto, é sob esta estrutura que montamos este trabalho, cabendo ao leitor virar a página e conferir se consegui ou não, nesta tentativa, ser superior aquele que nada tentou.

Capítulo

I

Escolas Estaduais : Ontem e
Hoje, uma luta para se manter

**“Tudo já foi dito uma vez,
mas como ninguém escuta
é preciso dizer de novo”**

(André Gide)

1. HISTÓRICO DAS ESCOLAS ESTADUAIS

No referente Capítulo, como o próprio título sugere, trataremos do histórico das escolas onde ministramos as aulas do estágio supervisionado da Prática de Ensino, ou seja, da Escola Estadual de 1º e 2º Graus Ademar Veloso da Silveira (Estadual de Bodocongó) e da Escola Estadual de 2º Grau Elpideo de Almeida (Estadual da Prata) pois nelas ministramos, respectivamente, as aulas de 1º e 2º Graus.

Não estranhe o leitor ao se deparar com mais informações sobre a primeira escola do que a segunda, mas é porque no Estadual de Bodocongó a pesquisa foi realizada através de um livro (Estadual de Bodocongó: UMA FONTE DO SABER), que a referida escola possui com toda sua história, enquanto que no Estadual da Prata a pesquisa foi realizada através de uma entrevista com o diretor-geral da escola, Claudionor de Albuquerque Farias, ficando assim a pesquisa restrita apenas às perguntas que elaboramos (*ver anexo 1*).

1 - Escola Estadual de 1º e 2º Graus Ademar Veloso da Silveira.

A - Criação e funcionamento da Escola.

Em 1964, provavelmente vivendo uma experiência como a nossa¹, de conclusão de curso, à estagiária de Serviço Social da UEPB, Dione Filgueira dos Santos, realizou no Bairro de Bodocongó uma pesquisa que tinha como objetivo levantar os problemas e necessidades locais. E um dos problemas foi justamente a necessidade de criação de uma escola secundária, pois na época alegava-se como dificuldade, a distância entre o bairro e o centro da cidade, já que a distância causava preocupação aos pais que tinham filhos estudando no horário noturno, sem contar que muitos pais não dispunham de recursos financeiros para financiar os estudos dos filhos.

Assim a pesquisa foi o estopim para dar início às discussões sobre a possibilidade de se criar uma escola secundária, onde a princípio as articulações foram organizadas pelo Departamento Educacional da Sociedade de Amigos do Bairro de Bodocongó (SABB) juntamente com a estagiária, sendo depois realizadas várias reuniões contando com a presença do Diretor do Colégio Estadual de Campina Grande (Estadual da Prata), o vigário da Paróquia e Industriários do bairro. Destas reuniões não só saíram pontos positivos e negativos, bem como sugestões referentes à criação da nova escola secundarista

Para obterem um perfil melhor de quantos alunos seriam beneficiados com a criação da escola, o Departamento Educacional realizou uma pequena pesquisa para saber quantos alunos estudavam no centro da cidade, chegando

¹ Para informações detalhadas sobre nossas experiências, veja o cap.II.

ao seguinte resultado: para fazer admissão à 1ª série ginásial² existiam 120 alunos e já cursando o ginásio tinha-se 90 alunos.

Após reunirem argumentos necessários como pesquisas e reivindicações da população, finalmente conseguem para o bairro uma sucursal do **Colégio Estadual de Campina Grande**, ou seja, uma espécie de filial do colégio Estadual que passou a funcionar na **Escola Santa Rita** a partir do dia 1º de abril de 1965, sob a administração geral do diretor **Raimundo Gadelha Fontes**. Para manter em funcionamento a escola, ficou acertado que a Paróquia contribuiria com a parte locacional (**Escola Santa Rita**); o Estado com o corpo docente e administrativo, mobiliário e material didático; e a Indústria ampliaria o **Grupo Escolar Francisco Manoel da Mota**, que passou a funcionar normalmente em 1966. A nova sucursal prossegue, com suas atividades, iniciando-as com 127 alunos, 11 professores e 10 funcionários, tendo como primeira coordenadora a professora de Inglês **Teresa Soares da Silva**.

Os 127 alunos matriculados estavam divididos em 04 turmas, compostas de 01 turma da 1ª série; 02 turmas da 2ª série e 01 turma da 3ª série. Sendo que para 1ª série foi aberta a matrícula para o exame de admissão onde dos 53 alunos que fizeram o teste apenas 19 alunos foram aprovados.

Do total de alunos matriculados, apenas 23 moravam no bairro, sendo o restante (104 alunos) moradores de 13 bairros diferentes, apesar de que a escola só funcionava no turno da noite.

No ano seguinte (1966), a Escola Santa Rita contribuiu com mais uma sala possibilitando o aumento de vagas oferecidas para 200 alunos. Como a

² Neste período, as séries do ginásio eram denominadas de 1ª, 2ª, 3ª, 4ª Séries, o que hoje corresponde à 5ª, 6ª, 7ª, 8ª Séries.

cada ano o acréscimo de alunos era constante (*ver anexo 2*), em 1967, o industrial Adhemar Veloso da Silveira doou um terreno para o Estado construir o prédio próprio do colégio, sendo concluída a construção em outubro de 1969, passando assim a nova escola a ter uma capacidade para 1200 alunos com funcionamento nos três turnos a partir de 1970.

Um detalhe importante é que quando a escola passa a funcionar em seu próprio prédio ela já não era mais uma sucursal, já que no dia 09 de junho de 1968, foi publicado no *Diário Oficial do Estado da Paraíba*, o **Decreto 4596 de 07/06/68**, dispondo sobre a autonomia das seções dos Colégios Estaduais de João Pessoa e Campina Grande, ficando assim o Estadual de Bodocongó, independente e com a mesma direção.

B - A Reforma do Ensino

Em 1973, o secretário de Educação, através da Portaria 212 de 28/03/73 muda de escola secundária para escola de 1ª Grau, para isto ele se baseia na **Lei 5692/71** que trata da reforma do ensino.

A **Lei 5692/71**, causou grandes reformas no ensino, uma delas “foi a eliminação da destinta destinação escolar e social dos alunos, de acordo com o seu ingresso neste ou naquele tipo de escola” (NAGLE; 1976; p.21), ou seja, para os desfavorecidos da fortuna, ao terminar o secundário só lhes restava cursar os ramos profissionais (cursos técnicos), enquanto que os favorecidos seguiam pelo ramo acadêmico que possibilitava prosseguir seus estudos em grau superior. Esta eliminação só foi possível através da descentralização que

possibilitou a integração da escola primária com o ginásio, formando uma só escola, a escola fundamental, que dá continuidade ao curso colegial (2º grau).

Portanto, antes da Reforma o sistema educacional estava dividido em quatro graus, primário, ginásial, colegial e superior, com isto ocasionava separação em cada grau, como era o caso da passagem do primário para o ginásial, pois o aluno teria que se submeter ao teste de admissão. Com a reforma o sistema ficou contínuo e com uma divisão em três graus: a escola de 1ª Grau (**primário e ginásio**) com séries de 1ª à 8ª; a de 2º Grau (**Colegial**) com séries de 1ª à 3ª; e a de 3º Grau (**Escola Superior**).

Sendo assim, a **Escola Estadual de Bodocongó**, também se adequou ao sistema da nova Lei, não ficando apenas na portaria de 1973, mas em 1974 através de uma outra portaria o Secretário da Educação cria o **Complexo Estadual de Bodocongó**, onde as escolas pertencentes foram, **Escola Integrada do Monte Santo, Grupo Francisco Manoel da Mota e Estadual de Bodocongó**, passando este complexo a se chamar: **Escola Integrante de 1º Grau de Bodocongó**. Sendo este formado por um conjunto de escolas de nível primário e ginásial, que possibilita a integração dos programas e currículos, de modo que garanta o ingresso natural do aluno a 4ª série primária para 5ª série ginásial, sem a necessidade do teste de admissão.

C - Situação atual da Escola.

Durante a leitura do livro “Estadual de Bodocongó: UMA FONTE DO SABER”³, que na minha opinião foi escrito como forma de resgatar não só o histórico da escola, mas também a participação de todos aqueles que contribuíram para o seu funcionamento, e ainda como forma de apresentar os serviços oferecidos por ela a comunidade estudantil. Folheando as suas páginas, podemos perceber que no início dos anos 80, a escola oferecia vários serviços a seus alunos, serviços que hoje em sua grande parte não são oferecidos.

Dentre os serviços oferecidos nesta época (anos 80), pela escola podemos encontrar:

- Biblioteca: embora com o espaço físico precário, funciona nos três turnos para pesquisas e consultas;
- Alimentação escolar: Distribuída na hora do intervalo (manhã e tarde);
- Oficina: Que nesta época funcionava somente o setor de tipografia. O setor de marcenaria estava parado por falta de pessoas especializadas.
- Serviço Médico-Odontológico: Onde eram feitas restaurações e extrações dentárias, sendo que as mais complicadas, eram encaminhadas ao Centro de Saúde Dr. Brasileiro.
- Centro Cívico Duque de Caxias : Que promovia palestras, campanhas, festas e concursos.
- Grêmios Estudantis : Que nesta época um grupo de alunos e professores quiseram reativa-lo.

³ SOUZA, Valba Luz Freire de. “Estadual de Bodocongó” : UMA FONTE DO SABER. Histórico do colégio Estadual de Bodocongó 1965-1995.

- Serviço de Orientação Educacional (SOE) : Onde se encaminharam os alunos quando apresentam maneira excepcional no comportamento.

Portanto, o início da década de 80 é um meio termo entre o período de fundação e a atualidade, e pelos dados pode-se considerar que nesta época a escola vivia em pleno desenvolvimento, pois se compararmos estes três períodos em termos de alunos, podemos perceber um enorme crescimento, já que em 1965 atendia apenas 127 alunos em meados dos anos 80 chega-se a uma média de 1500 alunos e atualmente tem-se uma media de 2000 alunos . Com relação a faixa etária dos alunos se compararmos com a época da fundação ela baixou , pois em 1965 era de 18 anos ou mais e atualmente ela se encontra entre 11 e 15 anos.

E com relação aos serviços oferecidos atualmente temos apenas a biblioteca, alimentação escolar e provavelmente o Serviço de Orientação Educacional. Não nos foi fornecido informações sobre os motivos que levaram a desativação dos outros serviços mas provavelmente deve estar relacionado a política educacional em nosso país, onde a cada dia que passa as escolas publicas ficam cada vez mais sucateadas.

A Escola Estadual de 1º e 2º Graus Ademar Veloso da Silveira, conta atualmente com 2.127 alunos matriculados divididos em 48 turmas, 66 professores e 44 funcionários. O espaço físico da escola consta hoje com 16 salas de aulas, uma sala de vídeo, uma quadra de esportes, um auditório, quatro banheiros para alunos sendo dois masculino e dois femininos, dois banheiros para professores, uma cozinha, diretoria e a secretária, além das salas onde funcionavam as oficinas.

1.2 - ESCOLA ESTADUAL DE 2º GRAU ELPÍDEO DE ALMEIDA⁴

A referida escola foi fundada em 31 de janeiro de 1953, com o nome de **“Colégio Estadual de Campina Grande”** já que havia à necessidade de se construir uma escola de grande porte em Campina Grande, uma vez que nos bairros não existiam escolas públicas, sendo esta a primeira desta cidade. Ela foi criada com o objetivo de absorver os alunos que não tinham condições de pagar uma escola particular.

Em 1976, há uma mudança no nome da escola, passando de **“Colégio Estadual de Campina Grande”** para **“Escola Estadual de 2ºGrau Dr Elpídeo de Almeida”**. Durante a entrevista perguntamos ao diretor os motivos que levaram a homenagear o Dr Elpídeo de Almeida e nos foi justificado que o mesmo além de ter sido prefeito de Campina Grande, foi uma pessoa de certa importância política para cidade. Porém desde a sua fundação a única reforma feita foi a área para recreio e nesta área foi colocada uma cantina , dois banheiros e duas salas: uma servia para o Grêmio Estudantil e a outra como depósito de materiais . Mas, esta área hoje está sendo transformada em ginásio de esporte.

Atualmente, a escola conta com uma faixa de 2700 alunos; 122 professores e 99 servidores. O índice de evasão se encontra hoje entre um percentual de 6% à 10%, constatada apenas no turno da noite, pois o turno da manhã e tarde não há evasão. Segundo o diretor houve uma grande redução com relação aos índices de 1993 que eram em torno de 23% à 25%. Ele atribui

⁴ Quero salientar que todas as informações aqui contidas, obtivemos através de uma entrevista com o Diretor-Geral da Escola.

esta redução ao sistema de avaliação aplicado na escola, que está sendo diferente do aplicado nas demais escolas públicas do Estado.

A diferença do sistema de avaliação se dá porque no sistema atual do Estado, o professor tem que fazer provas de recuperação para os alunos que tiram notas abaixo de 5,0 (cinco) no final de cada bimestre. No sistema do Estadual da Prata a média passou para 7,0(sete), ou seja, só faz recuperação o aluno que tiver sua nota inferior a 7,0(sete), além do que as recuperações são feitas semestralmente com todo assunto do semestre. Com isso os alunos estão se preocupando em estudar mais por temerem na recuperação não conseguir uma nota superior a do bimestre, mas vale salientar que ao se tornar semestral a avaliação de recuperação, ela passa a compreender dois bimestres e caso o aluno tenha ficado abaixo da média nos dois bimestres, só terá o direito de recuperar a menor nota entre as duas.

E tendo como base este novo sistema, o diretor nos garante que o índice de aprovação aumentou muito, principalmente no vestibular, pois no último vestibular a escola conseguiu colocar 70% dos seus alunos nas Universidades Federal e Estadual. Neste ano a escola está investindo em um cursinho, que funciona aos sábados, contando com cerca de 1.000 alunos sendo que deste total 265 alunos são da rede particular e o restante da rede pública. Porém, o cursinho está estruturado por áreas, que juntas perfazem um total de três, onde a área I (tecnológica), possui duas turmas com 60 alunos, a área II (saúde) possui quatro turmas também com 60 alunos cada, e por fim temos a área III (humanas) com mais de 400 alunos que formam uma única turma, sendo as aulas desta área ministradas no auditório da escola. Fazem parte deste cursinho 16 professores, dois para cada disciplina, sendo que exercem um trabalho voluntário, apesar de que a escola enviou um projeto para Secretária da

Educação para remunerar estes professores, uma vez que é uma equipe formada por professores de cursinhos, alunos concluintes das universidades Federal e Estadual e alguns professores da própria escola.

A partir deste ano (1996) o Estadual da Prata passou a fazer parte do projeto CEPES(Centro Paraibano de Educação Solidária) sendo que em toda Paraíba são sete escolas, quatro em João Pessoa e três em Campina Grande. Para a escola participar deste projeto, foi levado em conta a dimensão das escolas, assim como em Campina Grande a maior escola da rede pública é o Estadual da Prata, ela foi tomada como base integrando as escolas circunvizinhas que no caso são duas, o colégio Nossa Senhora do Rosário e a Escola Estadual de 1º Grau Monte Carmelo. O mesmo processo de seleção foi utilizado em João Pessoa para o Liceu Paraibano, sendo que lá o número de escolas integrada a escola base são três.

Com a execução deste projeto, o professor da escola contemplada passa a ter aumento salarial de 320%, mas o mesmo terá de trabalhar no mínimo dois expedientes, um para ministrar aulas e outro para o atendimento dos alunos, fornecendo-lhes maiores esclarecimentos sobre os conteúdos. O projeto também oferece cursos de capacitação para os professores que serão ministrados paralelamente nas férias de janeiro/fevereiro, sendo divididos em cursos gerais que abrangem todos os professores e cursos específicos de acordo com a disciplina do professor

CAPÍTULO

II

**ESTÁGIO :UMA LIÇÃO A CADA
PASSO**

“Os pequenos atos que se executam são melhores que todos aqueles grandes que apenas se planejam”

(George C. Marshall)

1 - Relato das Experiências da Prática de Ensino.

Pretendemos neste capítulo relatar as experiências das aulas do 1º e 2º graus ministradas nas Escolas citadas no capítulo anterior . Neste estágio que fez parte da disciplina **Prática do Ensino de História no 1º e 2º graus**, tivemos como **Coordenadora a Professora Eronides Câmara Donato** e, particularmente tive como **Orientadora a Professora Nelma Baldin**.

Como neste capítulo o objetivo é refletir sobre nossas experiências, falaremos num primeiro momento sobre as experiências do 1º grau e em outro momento sobre os do 2º grau e iremos expo-las por itens onde seguiremos a sequência: **Planejamento, Aplicação e Avaliação das aulas**.

Nossas atividades da prática de ensino começaram já no primeiro dia de aula da Universidade, pois debatemos sobre a melhor forma de conduzirmos a disciplina, para que não passássemos pelas mesmas dificuldades dos semestres anteriores, decidimos também que iríamos nos dividir em grupos, onde cada grupo iria estagiar em uma escola , ficando a cargo da coordenadora entrar em contato com a direção das mesmas.

Para escolhermos as Escolas utilizamos alguns critérios, no qual o principal era que encontrássemos uma escola que aceitasse um grupo de estagiários, surgiu como sugestão o Colégio Estadual da Prata para ministrarmos as aulas de 2º grau e o Colégio Estadual de Bodocongó ou a Escola do Bairro Severino Cabral, para as aulas de 1º grau. Mas para nossa surpresa na aula seguinte a Coordenadora nos informou que o Estadual de Bodocongó estava sem Professor de História para às 5ª séries e nos propôs que assumíssemos estas turmas. Ficamos um pouco receiosos, mas acabamos aceitando a idéia e começamos imediatamente a planejarmos as primeiras aulas do 1º grau.

O contato com o diretor do Estadual da Prata só realizamos algumas semanas depois, mas a principio não houve nenhuma objeção e conseguimos com que todos os estagiários ministrassem suas aulas lá, muito embora depois tenha havido alguns problemas, mas quanto a isto eu tratarei mais adiante.

1.1. - PLANEJAMENTO DAS AULAS

“O planejamento é de fundamental importância para uma boa execução da aula”. Esta foi a primeira lição que tivemos, após o contato com a turma, já que na nossa primeira aula pensamos apenas em uma apresentação nossa e dos alunos através de uma sondagem. Chegamos a esta conclusão porque ao colocarmos em prática esta aula de apresentação, percebemos que por falta de experiência não soubemos conduzir a aula, sendo necessário a contribuição de todos os estagiários presentes para concluir a aula.

Por isso, diante desta situação é que passamos a priorizar o planejamento e por trabalharmos com as mesmas séries tanto no 1º como no 2º graus, é que

optamos por planejarmos em conjunto, o que achamos bastante positivo pois as aulas ficaram mais interessante e fáceis de ser planejadas. Para o nosso planejamento enumeramos alguns critérios que foram, **a seleção de conteúdos, produção de textos e os planos de aula** . É sobre estes critérios que falaremos agora.

Dentro do sistema educacional em que estamos inseridos a seleção de conteúdo se torna um dilema para o professor pois se de um lado pretendemos inovar os conteúdos trazendo para sala de aula, temas que estejam mais adequados à realidade do aluno, de outro lado somos abafados pela imposição do plano de curso proposto pelo Estado. Portanto, foi com preocupações como estas que iniciamos a seleção de conteúdos, que impossibilitado de fazermos alguma mudança optamos por outras soluções.

No primeiro grau, tomamos como ponto de partida para selecionar os conteúdos, o registro das aulas da professora que ministrava a disciplina. De acordo com este registro, o ultimo conteúdo ministrado foi **“As Nações Indígenas no Brasil.”** e preparamos a aula na intenção de revisarmos o referido conteúdo, só que na aula que fizemos a sondagem constatamos com os alunos que este assunto não foi trabalhado em sala de aula . E o que era revisão passou a ser conteúdo novo.

Após constatarmos este erro da professora em registrar aulas que segundo os alunos não foram dadas, pudemos nos organizar melhor na seleção. E, quanto a questão da autonomia, só a tivemos com relação ao livro didático, mas aos conteúdos tivemos que seguir o plano da Escola, que por sinal estava atrasado devido a falta de professor.

Já que não podíamos modificar os conteúdos, passamos a pensar numa forma de dinamizar as aulas. O primeiro passo foi fazermos um levantamento bibliográfico, com a preocupação de encontramos livros em que seu conteúdo possibilitasse fazermos uma ligação com a realidade dos alunos e dentre os livros os que escolhemos como básico foram o de **“Alfredo Boulos Jr”**⁵ e o de **“Nelson Pillete”**⁶, mas também utilizamos outras fontes como apoio. E durante o período que estagiamos lá, trabalhamos os seguintes conteúdos: **“As Nações Indígenas no Brasil”**; **“A Expansão Marítima e comercial portuguesa”**; **“O Brasil nos Trinta Primeiros Anos”** e por fim a **“Administração Colonial”**.

No segundo grau, tivemos uma experiência muito limitada, primeiro por que tivemos problemas com o calendário de Escola, o que nos condicionou a estagiamos com as turmas do 3º Ano e aqui nos levou a mais um problema, porque é prioridade da Escola preparar os alunos desta série para o vestibular e temiam que prejudicássemos os alunos no andamento desse conteúdo.

Diante destas circunstâncias, limitaram nosso estágio apenas às seis aulas, nas quais teríamos que trabalhar os conteúdos **“Reforma Protestante”**, **“Contra-Reforma”** e **“Revolução Industrial”**. Vale salientar que cada conteúdo deveria ser trabalhado em duas aulas, sendo assim diferente de nossa experiência no 1º Grau, já que não tínhamos o número limitado de aulas para concluir um conteúdo. Com relação a bibliografia a ser utilizada para cada aula, os professores deixaram a nossa escolha.

Feitas as escolhas bibliográficas, partimos para a produção dos textos(*ver anexo 3*), no qual o primeiro do 1º grau, foi elaborado com alguns

⁵ BOULOS Jr, Alfredo. História do Brasil. V.1 Colônia São Paulo: FTD.1994.

⁶ PILLETE, Nelson e PILLETI, Claudino. História e Vida. Brasil: Da Pré-História à Independência. V.1. 4ª Ed. São Paulo: Ática, 1991.

problemas, mas que foram relevados devido as circunstâncias em que o produzimos, uma vez que ainda não estávamos acostumados com esta situação, mas o que nos ajudou muito a superar os obstáculos foi o nosso trabalho em conjunto, pois contávamos com a ajuda se não de todos, mas da maioria da turma.

Nos textos seguintes procuramos elabora-los com clareza e algumas informações mais detalhadas, já que estávamos trabalhando com alunos da 5ª série e que estavam iniciando no estudo da História e algumas vezes recorreríamos a utilização de glossário, para uma melhor compreensão. Tínhamos esta preocupação porque utilizamos o texto como complemento de nossas aulas, ou seja, para que os alunos pudessem ter algum registro das aulas, já que procurávamos manter uma exposição dialogada.

Com relação à produção de texto para o segundo grau, permanecemos produzindo em conjunto, sendo que por se tratar agora de alunos que tinham um poder de abstração maior tentamos produzir textos que trouxessem questionamentos ou que dessem margem para isto, assim procuramos ser menos descritivos.

Definido o conteúdo e elaborado o texto o próximo passo do planejamento é a elaboração do plano de aula (*Ver anexo 4*). Neste encontramos no início muitas dificuldades, uma vez que as disciplinas que cursamos durante o curso e que são específicas para licenciatura, como é o caso da disciplina de **Didática**, que ao cursarmos ela não nos prepara de acordo com a realidade do nosso curso, tendo que ser suprida estas dificuldades em disciplinas como a **Prática de Ensino Metodologia de Ensino**.

Este distanciamento da **Didática** com as disciplinas de **Prática de Ensino e Metodologia de Ensino** não é apenas sentido em nosso curso, mas também em cursos como o de **Pedagogia e Ciências Sociais** e isto ficou constatado no encontro das Práticas de Ensino que foi realizado nos dias 13 e 14 de agosto de 1996, aqui mesmo na Universidade.

Outra dificuldade que encontramos foi com relação em como aproveitar os conhecimentos adquiridos nas disciplinas que são a base do curso e casá-las com os seus conteúdos a serem ministradas em sala de aula, principalmente no que diz respeito às aulas de 2º Grau que nos exigia um maior aprofundamento dos conteúdos para torná-los mais questionador. Estas dificuldades fomos aos poucos tentando superá-las na medida em que íamos colocando os planos em prática.

Portanto tínhamos estas dificuldades porque era nossa preocupação elaborarmos um plano que estimulasse a participação dos alunos, para que eles saíssem da passividade e contribuísse também para o desenvolvimento das aulas, pois foi uma iniciativa que tomamos para inovar as nossas aulas, ou seja, estimular o interesse dos alunos pela aula através da participação.

1.2 - APLICAÇÃO E AVALIAÇÃO DAS AULAS

Neste item pretendemos expor as experiências em sala de aula, já que até agora falamos em planejamento chegou a hora de mostrarmos o mesmo em ação. Mas, antes queremos fazer duas observações a primeira é que iniciamos o estágio no 1º Grau com uma turma, a 5ª D, e por inconveniência do horário que coincidia com atividades tanto da Coordenadora como da Orientadora,

assumimos a 5ª F, quando começamos a trabalhar o segundo conteúdo. A outra é que a avaliação citada acima no título, não se trata da avaliação nossa para com os alunos e sim a avaliação de como estavam sendo aplicadas as aulas.

O nosso estágio, podemos dividi-lo em dois momentos, no qual o primeiro podemos considerá-lo como laboratório, já que quando iniciamos o nosso estágio em 27.05.96, até o início do recesso escolar em 20.06.96, as aulas aplicadas neste intervalo de tempo foram considerada como experimentais e ao voltarmos do recesso em 08.07.96, as aulas passaram a ser avaliadas para o estágio que durou até o final do mês. Porém esta divisão se refere apenas as aulas do 1º Grau, já que as do 2º Grau ministramos quando estávamos ministrando às do segundo momento do 1º Grau.

Na nossa primeira aula no 1º Grau, como já dissemos anteriormente, foi uma aula de apresentação e apesar de ter sido mal planejada, mas foi muito proveitosa, pois um ponto que nos ajudou nesta experiência foi aprendermos com os nossos erros. Ela foi proveitosa porque através dela obtivemos dados dos alunos como : nome , idade e se era repetente e constatamos que a faixa etária deles variam entre 13 e 15 anos sendo a maioria repetentes.

Fazendo parte ainda da sondagem procuramos saber deles o que achavam da disciplina história, estimulamos esta pergunta para que eles respondessem oralmente, mas como não obtivemos resposta, solicitamos que eles escrevessem já que recusavam a falar. Como resposta obtivemos da maioria que gostavam de estudar história **“porque ficavam sabendo do passado, do homem pré-histórico”**, concepções desse tipo nos mostra como o ensino de história são transmitidos, apenas com a preocupação de apresentar o passado sem discutir ou fazer comparações com o presente ou o cotidiano dos alunos, isto acaba prejudicando ao aluno pois não desperta nele a associação

entre os fatos nem a crítica através de sua opinião, selecionamos alguns trechos das respostas dos alunos, nos quais conservamos a grafia dos mesmos:

“ Eu acho que a História é uma coisa muito interessante pois se não fosse ela nós não saberíamos o que aconteceu no passado”.

“ É uma maneira de nós sabermos o que iremos saber no o que a no presente tudo isso que nós estamos passando é uma história”.

“ A História é muito interessante nós podemos descobrir o que tem acontecido com os outros habitantes que tinham antes da gente”.

“ Eu acho que disciplina história é uma coisa legal e importante ao mesmo tempo porque os professores relembram o tempo passado”.

Para evitar que se torne descritiva a aplicação das aulas iremos apresentá-las de acordo com o conteúdo, ou seja, para cada conteúdo apresentaremos a forma como foi trabalhado. Assim, o primeiro conteúdo que aplicamos na 5ª D, procuramos trabalhar com a exposição dialogada e como era sobre a cultura indígena tentamos compará-la com a nossa cultura.

Esta comparação procurávamos fazê-las a cada ponto explicado sobre a cultura indígena, na qual dirigia-mos aos alunos para que eles associassem com a nossa cultura de modo que concluíssem se havia ou não diferença, havendo pedíamos para que dissessem quais eram e sempre tinha alguns que respondiam, pois uma característica desta turma, era a timidez para responder. Mas , apesar disto houve momentos de várias participações, principalmente quando tratamos da questão sobre a divisão da terra, no qual trabalhamos os conceitos de coletivo e privado.

Ao trabalharmos com estes conceitos, nossa intenção era demonstrar que a terra para o Índio pertence a todos, enquanto na nossa cultura prevalece a

propriedade privada. Neste momento um dos alunos intercedeu e disse : “lá em casa quando meu pai me dá um real, tenho que dividir com meus irmãos”, e outro aluno disse “isso é coisa de índio”. A partir destas duas colocações atentamos para duas coisas, primeiro foi a de explicar que por alguém praticar atos de outra cultura, não quer dizer que ele pertença aquela cultura. A segunda só despertamos depois da aula, pois percebemos que enquanto tentamos explicar um conteúdo de forma clara e as vezes querendo até que eles absorviam nossa explicação tal como explicamos, eles mesmos passam a criar sua própria explicação ou conceito.

Seguindo a seqüência do planejamento, ao trabalharmos com o próximo conteúdo, tivemos que aplica-lo em outra turma, já que tivemos de mudar por motivos que já foram explicados. Nesta turma em que a faixa etária estava entre 11 e 13 anos sentimos um pouco a diferença com relação a turma anterior, por ser de uma faixa etária menor, sendo assim difíceis de manter o controle por serem muito inquietos.

O primeiro conteúdo com esta turma e o segundo da seqüência foi sobre a Expansão Marítima, também trabalhamos aqui com aula expositivo-dialogada e com utilização de mapa. Este tema chamou muito atenção dos alunos, pois tratava do período das Grandes Navegações, de descobertas e viagens por terras desconhecidas pelos europeus e isto contribuiu para que os alunos se interessasse pelo tema é tanto que na avaliação desta aula à consideramos muito produtiva mas sobre este item trataremos no capítulo seguinte.

Com estes dois conteúdos concluímos a primeira etapa do nosso estágio, a de aulas experimentais, tendo como marco o recesso escolar, nesta etapa perfizemos um total de 07 horas, aulas (*ver anexo 5*). Enquanto a escola

estava em recesso , procuramos planejar as aulas que iríamos dar no reinício das mesmas.

Assim, ao retomarmos as atividades no campo de estágio, trabalhamos com mais dois conteúdos que foram, A colonização do Brasil e A Administração Colonial. Por considerarmos a forma como trabalhamos estes conteúdos parecidos, embora tenha algumas diferenças, trataremos estes dois conteúdos de forma resumida enfocando apenas os pontos principais.

A técnica utilizada foi a aula expositivo-dialogada, por entendermos que esta é a melhor forma de trabalharmos com estes alunos muito embora não abandonássemos o quadro, pois com alunos dessa faixa etária, na nossa opinião devemos mante-los sempre ocupados em sala de aula. Então na exposição do primeiro conteúdo citado acima procuramos trabalhá-lo através de revisão e associação com conteúdos anteriores para que assim eles pudessem entender o processo histórico de descobrimento e colonização do Brasil. Como avaliação utilizamos a Técnica da Tarjeta na qual os alunos escolhem uma palavra-chave e que para ele esteja relacionado com o tema.

Com o outro conteúdo trabalhamos de forma mais dinâmica, pois extraímos de um livro didático um possível dialogo (*ver anexo 6*) entre o Rei de Portugal e seu Ministro e dramatizamos em sala de aula (*ver anexo 7*), que nos serviu como tema gerador de aula, já que os alunos iriam assisti-lo com a preocupação em descobrir o tema da aula, que no caso seria a Administração Colonial, mais especificamente sobre as Capitânicas Hereditárias, e que devido a um feriado que houve não foi possível dar continuidade ao assunto com a explanação sobre o Governo-Geral e as Câmaras Municipais, porque pelo nosso calendário teríamos que aplicar na aula seguinte a avaliação do 2º

Bimestre. Mas, informamos que os alunos não saíram prejudicados pois a professora que nos substituiu se prontificou em retomar o assunto.

De um modo geral foram estas as aulas que aplicamos no primeiro grau, onde aqui tentamos levar ao leitor a forma como foram trabalhados, embora que de forma superficial, mas dentro de nossas limitações, pois é difícil transmitir uma experiência vivida sem sermos muito descritivos. Dentro destas limitações partimos agora para as aulas do 2º Grau.

No 2º Grau, tivemos uma experiência limitada, digamos que foi apenas para sentirmos um pouco da realidade do ensino e podermos compará-la com a do 1º grau, já que trabalhamos com dois extremos (5ª série/3º ano). O principal motivo desta limitação foi atribuído ao vestibular uma vez, que os professores pressionados pela direção ficaram impossibilitados de nos ceder mais aulas ficando estas apenas em número de seis.

Em se tratando das aulas existe uma diferença muito grande com relação às do 1º grau, pois se lá as aulas seguem mais pelo cunho informativo , aqui temos que ser mais questionador, dobrando assim a responsabilidade com relação a preparação da aula, ou seja, um bom domínio de conteúdo .

Por não termos tido um maior contato com a turma , para que houvesse assim um maior entrosamento, já que o nosso estágio nesta escola (Estadual da Prata) iniciou após o recesso. Optamos por, na primeira semana de aula, darmos uma aula expositiva já que teríamos que fazer uma revisão acerca do período em que estávamos estudando para podermos entrar no assunto que era A Reforma Protestante, mas mesmo assim não abrimos mão de um dialogo fazendo uma leitura comentada do texto e tirando possíveis dúvidas.

Na aula seguinte dando continuidade ao assunto, mas desta vez enfocando a Contra-Reforma procuramos dar uma aula expositivo-dialogada, bem como um debate sobre as intenções da Igreja acerca desta reação priorizando a Inquisição. Nesta mesma aula aplicamos com a turma um exercício de fixação para percebermos os pontos por eles absorvidos.

Na última aula, trabalhamos com o assunto Revolução Industrial. Procuramos fazê-la de forma dialogada mas não obtivemos muita aceitação por parte dos alunos, que se negaram a responder e confesso que senti um pouco constrangido me faltando meios para dinamizar a aula.

Mas, diante de tantos contratempos de todas estas aulas, consideramos como ponto positivo o nosso sistema de avaliação porque além das observações da minha Orientadora, que sempre me indicava um caminho, tinha também a contribuição dos outros estagiários que sempre observavam as aulas para depois apontarmos onde deveríamos melhorar. Portanto esta experiência nos ajudou muito pois nunca vimos como críticas destrutivas e sim construtivas, já que aprendemos muito com nossos erros e o dos outros.

Capítulo III

A RELAÇÃO ENSINO APRENDIZAGEM ATRAVÉS DA AVALIAÇÃO

*“ Dificuldades reais
podem ser resolvidas,
apenas as imaginárias
são impossíveis”.*

(Theodore N. Vail)

1- A Relação Ensino- Aprendizagem e Avaliação

Ao longo de todo este percurso do estágio supervisionado passamos por várias dificuldades, mas diante delas a que nos causou uma maior preocupação foi a Avaliação e é sobre ela que pretendemos discutir neste capítulo. O leitor deve ter percebido que no capítulo anterior, quando relatamos as experiências não fizemos nenhuma menção sobre a avaliação dos conteúdos e não fizemos porque é nossa intenção fazê-la neste capítulo, no qual procuramos fazer-mos num primeiro momento uma discussão teórica sobre avaliação para depois narrarmos as experiências ao avaliarmos os alunos.

Hoje em dia com o surgimento de novas correntes pedagógicas, possibilitou várias mudanças nas etapas de uma aula, e uma delas é a avaliação, a qual por muito tempo se pensou e até hoje ainda se encontram professores que pensam que “avaliar significa verificar o quanto de informação o educando deteve a partir de um determinado trabalho, então avaliar significa medir” (**RODRIGUES** ; 1992, P.78) . Sendo assim, nesta perspectiva, avaliar se torna um ato mecânico, resumido apenas a atribuição de uma nota.

Já sob a influência das novas correntes pedagógicas a avaliação passa por uma redefinição, a qual passa a ser definida como “um componente do processo de ensino que visa, através da verificação e qualificação resultados

obtidos, determinar a correspondência destes com os objetivos propostos, e daí, orientar a tomada de decisões em relação às atividades didáticas” (LIBÂNEO; 1994; P. 196.), desta forma a avaliação deve ser vista como uma relação de mão dupla, pois com ela o professor não deve apenas avaliar a aprendizagem do aluno, mas também avaliar se os seus procedimentos contribuíram para o aprendizado do aluno.

Desta forma, para se tomar a avaliação como tomada de decisões, é necessário estabelecer alguns critérios que são, a verificação feita através da coleta de dados sobre o aproveitamento dos alunos; a qualificação para obter uma comprovação dos resultados alcançados se estão de acordo com os objetivos proposto; e por fim a apreciação qualitativa, onde passa-se a avaliar os resultados referindo-se aos padrões de desempenho esperado”(LIBÂNEO; 1994; P 197) .

Com estes critérios acredito que a avaliação ajudará muito não só ao aluno, mas também ao professor a ter um bom desempenho em sala de aula desde que compreenda as funções de uma avaliação que são, a função pedagógico-didático que diz respeito a relação entre a avaliação e os objetivos propostos em seu plano, ou seja, ao avaliar sua avaliação deverá estar baseada nos objetivos; a função diagnóstica possibilitará perceber os avanços e recuos dos alunos diante da aprendizagem sendo necessário ser feita no início, durante e no final de cada unidade; a função de controle que possibilita a verificação e a qualificação dos resultados das atividades através da observação do desenvolvimento dos alunos durante a resolução dos exercício.

Portanto, na prática de ensino ao aplicar a avaliação(*ver anexo 8*), em alguns momentos admito que utilizei meios tradicionais e que só percebi ao começar a ler para este trabalho e atuei desta forma principalmente na hora de

atribuir uma nota ao exercício, já que em alguns momentos não fui capaz de compreender o raciocínio do aluno ao elaborar as respostas do seu exercício, bem como fui um pouco falho na orientação dos mesmos.

Assim, na primeira avaliação : (que seria a nota complementar do 1º Bimestre, uma vez que por eles não terem um professor para assumir a disciplina teríamos também esta responsabilidade), ao solicitar os alunos que elaborassem uma redação sobre o tema exposto, que no caso era sobre a cultura indígena, não obtivemos êxito pois pensamos que eles iriam criar seu próprio texto, já que se tratava de uma redação apenas explicamos que ao redigir sobre a cultura indígena comparassem com a nossa.

O resultado deste primeiro exercício foi assustador, pois não elaboraram uma redação e sim uma cópia de enciclopédias ou livros didáticos, mas isto nos alertou para o próximo exercício (*ver anexo 9*) o qual realizamos em sala de aula e procuramos orienta-los melhor, e neste, obtivemos resultados satisfatórios, já que foi um exercício surpresa e eles foram capazes de criar um pequeno texto muito embora fossem através de frases; mas estavam relacionados ao conteúdo.

Outro exercício que aplicamos foi o da Técnica da Tarjeta onde os alunos escolheriam uma palavra relacionada ao conteúdo para que depois de apresentadas estas palavras utilizassem as mesmas para produzir um pequeno texto. Só que em vez de criarem um texto que englobassem todas as palavras, eles criaram para cada palavra uma definição para elas(*ver anexo 10*) . Isto consideramos muito proveitoso embora não tenha elaborado como foi solicitado mas já foram capazes de criar.

Por fim, aplicamos uma prova para fecharmos as notas do 2º Bimestre (ver anexo 11). Nesta avaliação poderíamos dizer que obtivemos resultados razoáveis, (ver anexo 12) pois com elas, observamos que muitos não compreenderam o conceito de colonização e aqui digo que é muito difícil trabalhar conceitos como este com crianças de 5ª série pois estão iniciando no estudo da história ficando difícil de associar os fatos para uma determinada opinião.

Porém é neste ponto que consideramos como fundamental na avaliação pois o professor, como já foi dito anteriormente, que encara a avaliação como uma relação de mão dupla, é neste momento que ele deve rever seus procedimentos, bem como retomar ao assunto através das respostas dos alunos para que haja um melhor esclarecimento e assim possibilite uma melhor aprendizagem por parte dos mesmos.

Portanto, diante destas experiências tenho a declarar que surgiu em mim um melhor amadurecimento acerca da avaliação, pois admito que erros cometi ao avaliar, mas que me serviram como ensinamentos para não mais comete-los, principalmente ao atribuir uma nota, pois como o próprio Neidson Rodrigues diz, “avaliar não é medir ou pesar na balança o conhecimento”, pois este se adquire no dia-a-dia da sala de aula, na realidade do mundo em que vive, seja ele aluno ou professor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que nos parece o hoje como o fim , é apenas o começo de uma longa caminhada, pois durante este tempo estávamos apenas preparando o alicerce de nossa vida profissional, agora é que chegou a hora de agir. E tentarei agir de acordo com o que consegui adquirir durante esta experiência.

Experiência esta, que me ajudou muito a crescer enquanto estagiário, pois com as lições que obtive nesta Prática de Ensino com certeza me sustentaram ao vencer os obstáculos, principalmente o da timidez, pois com o trabalho em conjunto que mantivemos, um passava segurança para o outro. E chamo isto de lição porque aprendi que quando realmente trabalhamos em conjunto conseguimos produzir bons frutos já que contém um pouco de cada um.

Assim, se estou concluindo este relatório ou estágio, não considero que aqui contenha apenas o meu esforço e dedicação. Pois por trás de cada aula que um estagiário ministrava estava todo um trabalho, em conjunto que englobava o planejamento em suas partes, seleção de conteúdos , produções de textos e plano de aulas, execução das mesmas, bem como sua avaliação.

BIBLIOGRAFIA:

ALVES, Nilda (org) [et alii] . **Formações de professores: pensar e fazer** 3ª Ed . São Paulo; Cortez, 1995.

CABRINI, Conceição. [et alii]. **O ensino de história (Revisão Urgente)**3ª ed. São Paulo : Brasiliense, 1987.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática** São Paulo : Cortez , 1994

LIMA, Adriana de Oliveira. **Avaliação escolar : julgamento ou construção ?** Petropolis, RJ : Vozes, 1994.

NAGLE, Jorge. **A reforma e o ensino** 2ª ed São Paulo: EDART; Brasília, INL , 1976.

RODRIGUES, Neidson da . **Mistificação da escola à escola necessária**. 6º ed. São Paulo: Cortez 1992.

SILVA, Marcos A. da .(ORG) **Repensando a História**. (ANPUH) 2º ed. São Paulo: Marco Zero S/D.

VEIGA, Ilma Passos de Alencastro (coord.). **Repensando a Didática** . 10º ed Campinas São Paulo : Papirus 1995.

ANEXOS

ANEXO 1

ENTREVISTA

Na entrevista com o diretor-geral da Escola de 2º Grau Elpideo de Almeida , utilizamos do seguinte roteiro:

Dados sobre o histórico da Escola

- Data da fundação e motivos da fundação;
- Origem do nome;
- Outros dados mais.

Dados sobre o alunos

- Número de alunos;
- Índice de reprovação e evasão;
- Número de professores e servidores;
- Sistema de avaliação da Escola;
- Outros dados mais.

ANEXO 2

TABELA DE ALUNOS MATRICULADOS

TABELA DOS ALUNOS MATRICULADOS

ANOS	ALUNOS	PROFESSORES	FUNCIÓNARIOS	OUTROS DADOS
1966	200	13	10	Criação de mais uma sala de aula
1967	216	11	09	
1968	256	14	11	
1969	357	17	11	
1970	875	49	10	Término da construção do prédio.
1971	932	61	25	
1972	1066	59	22	
1973	1124	62	31	
1974	1216	60	43	
1975	1148	54	35	
1976	1175	46	35	
1977	1402	46	37	
1978	1447	49	32	
1979	1447	52	32	
1980	1501	58	32	
1981	1521	51	35	
1982	1496	58	36	
1983	1490	55	31	
1984	1520	45	36	
1985	1499	37	59	
1986	1674	53	83	
1987	1850	44	83	
1988	1960	54	97	
1989	2256	51	96	
1990	2035	45	97	
1991	2130	53	84	
1992	2192	47	86	
1993	2088	53	85	
1994	2159	51	73	

Fonte : Escola Estadual de Bodocongó "Uma Fonte de Saber"- 1965-1995-Valba Luz Freire de Sousa.

ANEXO 3

TEXTOS

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

DISCIPLINA: HISTÓRIA DO BRASIL

PROFESSOR (A) ESTAGIÁRIO (A): _____

SÉRIE: _____ TURMA: _____ TURNO: _____ DATA: _____

NAÇÕES INDÍGENAS NO BRASIL

Em 1500, quando os portugueses chegaram ao Brasil, havia milhões de índios espalhados pelas praias, campos e florestas do atual território brasileiro.

Os índios, como os demais povos, passam a infância e adolescência preparando-se para a vida adulta. o nascimento de uma criança indígena é esperado com todo amor e preocupação por todos os seus parentes. Na infância, com sete ou oito anos, os meninos começam a pescar e caçar pequenas aves, enquanto as meninas dedicam-se a ajudar a mãe: a cozinhar, tecer e cuidar das crianças menores. Já na adolescência, tanto a menina como o menino iniciam-se numa participação ativa na vida em grupo. No que diz respeito a maturidade, tanto o homem quanto a mulher tem permissão para constituir família, são responsáveis pelo sustento do grupo e tem o direito de conhecer os seus valores e costumes. Ser adulto é também poder ocupar um cargo na aldeia de chefe político ou religioso.

Os índios não compreendem nem possuem a propriedade particular da terra nem se preocupa em acumular bens através do trabalho: a terra e tudo que ela produz, pertence a todos e se destina a sustentação das necessidades.

Acredita-se que os índios chegaram ao Brasil há 50 mil anos, vindos da Ásia e da Polinésia, navegando de ilha em ilha até cruzar o Pacífico e chegar à costa ocidental da América.

Há quinhentos anos eram aproximadamente cinco milhões; hoje são cerca de duzentos e cinquenta mil, dividido em duzentas nações e falando cento e setenta línguas.

O extermínio das nações indígenas é obra do homem branco. Antes, colonizadores em busca de terras; hoje fazendeiros, garimpeiros e madeireiros em busca de terra, madeiras e minérios.

BIBLIOGRAFIA

BOULOS, Alfredo Jr.. **História do Brasil**. In: Nações Indígenas no Brasil. Vol. 1. FTD: SP.

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADHEMAR VELOSO DA SILVEIRA

DISCIPLINA: HISTÓRIA DO BRASIL

PROFESSOR (A) ESTAGIÁRIO (A) : _____

SÉRIE _____ TURMA _____ TURNO _____ DATA _____

EM BUSCA DE NOVOS CAMINHOS

Antes das Grandes Navegações os europeus conheciam apenas a Europa, norte da África e parte da Ásia, e as terras situadas além desses limites, eles tinham apenas notícias de viajantes.

No começo do século XV os europeus compravam uma grande quantidade de produtos vindos das Índias, só que esse comércio entre o Oriente e a Europa, era monopolizado pelas cidades Italianas (Gênova e Veneza). Esse monopólio contrariava os interesses econômico da burguesia e dos Reis de vários países europeus. Por tanto só havia uma solução: evitar o Mar Mediterrâneo e procurar um outro caminho para as Índias. E isso tornou-se possível com as grandes navegações, na qual Portugal foi primeiro país a conquistar o Atlântico.

Quando Portugal se lançou à conquista do Atlântico, pouca gente sabia que a terra era considerada redonda. E aos poucos os portugueses foram conquistando o Atlântico com a ajuda do progresso técnico e científico. E como exemplos importantes desse progresso foram a invenção da caravela e o aperfeiçoamento da bússola.

E foram técnicas como estas que facilitaram aos portugueses a iniciação de sua expansão marítima, em 1415, com conquista de Ceuta, cidade situada ao norte da África, rica em ouro, marfim, tecidos e especiarias, trazidas pelas

caravanas, para serem vendidas aos mercadores Italiano. Só que depois de conquistar os caravaneiros passaram a desviar suas rotas para outros centros comerciais, prejudicando os portugueses. devido a isto, o Infante Dom Henrique que fundou a escola de Sagres, reunindo, assim, navegadores, astrônomos, geógrafos, cartógrafos, matemáticos e tradutores de várias, parte de Europa, que tinha o objetivo de aperfeiçoar os mapas, instrumentos de navegações e roteiros de viagem.

Pouco a pouco, os portugueses foram reconhecendo e explorando o litoral africano, e depois de contornarem o extremo sul da África, que foi batizado de Cabo de Boa Esperança, chegando à Calicute nas Índias, realizando assim o sonho português de descobrir um novo caminho para o Oriente.

Em 1492, a Espanha deu início a sua expansão marítima, com um navegante italiano Cristovão Colombo que tinha o objetivo de chegar as Índias, navegando em direção ao Ocidente. Para realizar a viagem, recebeu dos reis espanhóis, dinheiro, suprimentos e três caravelas: Santa Maria, Pinta e Niña. Depois de navegar pelo Atlântico por quase dois meses, ele descobre um “novo” continente: América. sabendo da novidade, os reis espanhóis queriam garantir a posse através de um documento chamado Bula Inter Coetera, que dividia as “novas” terras por um meridiano localizado a 100 léguas a oeste das Ilhas de Cabo Verde. Tudo que ficasse a oeste dessa linha divisória, deveria ser de Portugal. Mas, Portugal não concordou com essa divisão, então exigiu um novo acordo.

Depois de Muitas discussões, a Espanha aceitou a exigência feita por Portugal e em 1494, assinaram o tratado de Tordesilhas, no qual a linha

divisória deveria passar a 370 léguas a oeste das Ilhas de Cabo Verde. Tudo o que ficasse a leste seria de Portugal.

Como a viagem à Calicute foi um sucesso devido ao lucro fabuloso que dera aos portugueses, o rei de Portugal resolveu enviar ao oriente uma poderosa esquadra com o objetivo de fundar feitorias e, através delas, exercer um controle sobre o comércio das especiarias orientais. Comandada por Pedro Álvares Cabral, a expedição partiu de Lisboa, no dia 9 de março de 1500 e, distanciando-se do litoral africano, cruzou o Oceano Atlântico e no dia 22 de Abril, os portugueses avistaram um monte redondo e alto que batizaram de Monte Pascal.

A seguir, desembarcaram em terras habitadas por índios que tomaram posse em nome do rei de Portugal. A primeira missa foi celebrada por Frei Henrique Soares Coimbra, no dia 26 de Abril, na terra acabou por se chamar Brasil. Cabral depois de ter tomado posse dessas terras, continuou sua viagem para as Índias, mas mandou um mensageiro à Portugal para contar ao rei notícias do Brasil.

GLOSSÁRIO :

Burguesia - Formada pelos comerciantes ricos europeus.

Bússola - Instrumentos que auxiliava os navegantes na indicação do rumo a seguir

Caravelas - Embarcações leve e veloz

Especiarias - Produtos que vinham das índias

Feitorias - Grandes fortalezas com vários armazéns, onde se faziam o comércio

Légua mar. - Medida utilizada na navegação marítima, equivalente a 5.577m.

Monopólio - Direitos exclusivos de dominação.

BIBLIOGRAFIA

BOULOS Jr, Alfredo. História do Brasil. Vol.1. Colônia. São Paulo: FTD. 1994

PILLETE, Nelson & PILLETE, Claudino. História e Vida. Brasil: Da Pré-História à Independência. Vol. 1. 4ª Edição. São Paulo: Ática, 1991.

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

DISCIPLINA: HISTÓRIA DO BRASIL

PROFESSOR (A)/ESTAGIÁRIO (A): _____

ALUNO (A): _____

SÉRIE: 5ª TURMA: _____ TURNO: _____

O BRASIL NOS TRINTA PRIMEIROS ANOS

Em 1500, quando os portugueses chegaram o Brasil, verificaram que a terra habitada pelos índios era muito grande, havia muita água e muitas árvores, entretanto, não encontraram nenhum indício da existência de ouro ou prata, o que causou pouco interesse de Portugal em colonizar a terra. Não viram também nada que pudesse ser vendido na Europa por um preço tão alto quanto o das especiarias africanas e orientais que traziam lucros imediatos para Portugal.

Mesmo com seu lucrativo comércio com o Oriente, os portugueses fizeram algumas viagens ao Brasil para explorar o litoral e defender a posse da terra, no qual o pau-brasil foi o primeiro produto de valor comercial que os portugueses aqui encontraram. Essa madeira tinha uma cor avermelhada que servia para tingir tecidos e também era utilizada na fabricação de móveis e navios. O corte dessas árvores e o seu transporte para os navios eram feitos pelos índios que em troca disso, recebiam dos portugueses roupas coloridas, contas, espelhos, canivetes, facas, etc. Essa troca direta de produtos por produto chama-se escambo. Dessa forma o pau-brasil só podia ser explorado com a autorização do rei de Portugal sendo assim era monopólio do rei. Portanto, os comerciantes que queriam explorar o pau-brasil, erguiam feitorias onde guardavam a madeira até que os navios chegassem para buscá-la. Diante

dessa situação, haviam povos que não estavam satisfeitos com esse monopólio, como é o caso dos franceses que se achavam também no direito de explorar o pau-brasil, contando com a ajuda de alguns grupos indígenas.

Portanto, durante esses primeiros trinta anos, os portugueses não se interessaram muito pelo Brasil. Mandaram algumas expedições para conhecer a terra, explorar o pau-brasil e combater os estrangeiros. Essas expedições que eram chamadas de guarda-costas, não conseguiram livrar o Brasil da presença francesa e dos demais contrabandistas por duas razões principais: a grande extensão do litoral brasileiro e a ajuda financeira que o rei da França dava aos invasores franceses.

Diante desses problemas e com a esperança de encontrar ouro em terras brasileiras, o rei de Portugal decidiu colonizar o Brasil, isto é, povoar o território brasileiro a fim de melhor explorar suas riquezas, através da expedição colonizadora comandada por Martim Afonso de Sousa em 1530. Aqui chegando, explorou o litoral brasileiro, e em 1532 fundou a vila de São Vicente iniciando a colonização que só teria sentido se a colônia oferecesse lucros para Portugal. Portanto, o papel do Brasil seria o de enriquecer a metrópole que passava por uma crise econômica. Com essa intenção, o governo português impôs ao Brasil um sistema de dominação política e econômica, no qual se estabelece o pacto colonial que significa um compromisso entre a colônia (Brasil) e a sua metrópole (Portugal).

BIBLIOGRAFIA

BOULOS, Jr. Alfredo. História do Brasil. Vol. 1: Colônia, São Paulo
FTD, 1994

SILVA, Francisco de Assis. História do Brasil. Vol. 1: Colônia
São Paulo: Moderna, 1994

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA
SILVEIRA

DISCIPLINA: HISTÓRIA DO BRASIL

PROFESSOR/ESTAGIÁRIO: _____

ALUNO (A): _____

SÉRIE: 5ª TURMA: _____ TURNO: _____

A ADMINISTRAÇÃO COLONIAL

Até 1534 não havia nenhum governo fixo no Brasil, então o rei de Portugal D. João III percebeu que assim não podia manter o controle sobre sua colônia pois para isso era preciso muito dinheiro, mas Portugal nessa época enfrentava uma crise econômica devido ao declínio do comércio português com o Oriente. Por isso, o rei resolveu dividir o Brasil em 15 grandes faixas de terra denominadas de Capitânicas Hereditárias que foram entregues a 12 donatários. Com essa divisão, o governo português criava em 1534 o primeiro sistema político para o Brasil.

O sistema de capitânicas hereditárias era regulamentado por dois documentos: a carta de doação e o foral. A carta de doação era o documento na qual o rei concedia uma capitania a um donatário e o foral no qual determinava os direitos e deveres dos donatários e os direitos do rei. E entre os direitos incluía-se o doação de sesmarias.

A maior parte das capitânicas hereditárias fracassaram, apenas duas prosperaram, a de Pernambuco e a de São Vicente: porque seus donatários, com recursos próprios ou com ajuda do rei de Portugal, conseguiram capital suficiente para desenvolver a produção açucareira.

Mas mesmo assim o sistema de Capitâneas não deu certo, pois o rei de Portugal não estava conseguindo controlar e explorar o Brasil de maneira satisfatória e exigiu de volta as Capitâneas, mas só em 1759 o sistema foi completamente extinto.

Então, seria preciso pensar em outro tipo de governo que centralizasse a administração, ou seja, era necessário que se criasse um Governo Geral para o Brasil, e isto foi realizado em 1548 e dura até a chegada da família real portuguesa ao Brasil em 1808.

O primeiro Governo-Geral foi Tomé de Souza (1549-1553) que fundou a 1ª cidade brasileira, Salvador, na qual instalou seu governo. Trouxe também as primeiras cabeças de gado, incentivando assim a pecuária. O 2º Governador-Geral foi Duarte da Costa (1553-1558) em cuja administração fundou o Colégio de São Paulo em Piratininga, originando, depois, a cidade de São Paulo. Além disso, o seu governo foi abalado pela guerra contra os índios que se aliaram aos franceses, que invadiram o Rio de Janeiro, onde fundaram uma colônia chamada França Antártica. O terceiro governador-geral foi Mem de Sá (1558-1572) que em seu governo expulsou os franceses do Rio de Janeiro, e com a ajuda do seu sobrinho Estácio de Sá fundou a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.

Após a morte de Mem de Sá em 1572, Portugal dividiu o Brasil em dois governos: Governo do Norte e Governo do Sul, pois na sua opinião, isso facilitava a ocupação, a administração e a defesa do território brasileiro. Só que com a morte do rei de Portugal em 1580, o rei da Espanha que era seu parente ficou sendo também rei de Portugal, podendo também manda no Brasil, e por isso dividiu o Brasil em dois Estados: Estado do Maranhão e Estado do Brasil.

Mas como estava surgindo vilas e cidades, ficava difícil de controlar a colônia, e seria preciso então pensar em uma forma de controlar e governar essas cidades e vilas. A solução encontrada foram as CÂMARAS MUNICIPAIS que eram instaladas nos municípios mais importantes e defendiam os interesses políticos e econômicos dos grandes senhores de terra.

BIBLIOGRAFIA:

BOULOS Jr, Alfredo. História do Brasil. Vol. 1. ColôniaSão Paulo: FTD, 1994

PILLETI, Nelson & PILLETI, Claudino. História e Vida. Brasil Da Pré - História à Independência Vol. 1. 4ª Ed.São Paulo: Ática, 1991

SILVA, Francisco de Assis. História do Brasil. Vol. 1. Colônia3ª Ed. São Paulo: Moderna, 1994

ESCOLA ESTADUAL DE 2ª GRAU ELPÍDEO DE ALMEIDA

DISCIPLINA: HISTÓRIA GERAL

PROFESSOR (A) ESTAGIÁRIO (A): _____

ALUNO: _____

SÉRIE: _____ TURMA: _____ TURNO: _____ DATA: _____

A REFORMA PROTESTANTE

Juntamente com a mudança da mentalidade decorrente do Renascimento intelectual e artístico, as questões religiosas passaram a inquietar os espíritos cristãos da Europa, que até o final da Idade Média, permaneceram unidos em torno da autoridade papal. E foi no início da Idade Moderna que eclodiu as graves críticas à Igreja Católica Romana, através da Reforma Religiosa que fez parte de um conjunto de transformações sócio-econômicas e políticas que vinham ocorrendo na Europa Ocidental, uma vez que, o progresso comercial e urbano criou uma nova realidade econômica, em que a Igreja ao condenar os juros e os lucros, impediam o avanço do processo de acumulação de capital. No plano político, as monarquias nacionais interessavam-se em controlar à Igreja, com o objetivo de lhe confiscar os bens.

No início do século XVI, a região onde é hoje a Alemanha fazia parte do Sacro Império Romano-Germanico e era formado por um conjunto de principados e cidade livres e não havendo uma monarquia nacional forte, era incapaz de se opor a Igreja e impedir seus abusos econômicos, como compra e venda de cargos eclesiásticos, e a venda de indulgências.

E foi nessa região, politicamente dividida e economicamente explorada pela Igreja, que as críticas feitas por Martin Lutero tiveram repercussão, pois reagindo a essa situação escandalosa manifestou publicamente o seu protesto, e em 1517, afixou na porta da Igreja de Wittenberg suas noventa e cinco teses, como proposições contrárias principalmente à venda de indulgências.

A disputa entre Lutero e o Vaticano prolongou-se até 1520, quando o papa Leão X rejeitou as críticas feitas por Lutero, exigindo que ele fosse à Roma se retratar. Além de não voltar atrás nas suas posições, Lutero intensificou seus ataques à Igreja Católica e por isso foi condenado pela bula papal *Exsurge Domine*. Excomungado pelo papa, mas apoiado pela nobreza, as idéias luteranas foram aos poucos sendo difundidas, por outras regiões da Europa. O princípio básico da religião luterana era o da Salvação pela Fé. O homem decaído em razão do pecado original, só poderia ser salvo pelos méritos merecidos únicos de Cristo. E por entender que a Igreja romana havia feito dos sacramentos um meio de dominar as almas, Lutero aboliu todos, exceto três: o batismo, a comunhão e a penitência. Aboliu também o culto dos santos e a adoração das imagens, todos os cristãos poderiam examinar livremente a Bíblia.

Em algumas regiões da Europa a doutrina Luterana foi difundida e reformulada por alguns de seus seguidores como é o caso de João Calvino que começou a pregar na França, pois havia ali numerosos adeptos de uma reforma dentro da Igreja, mas acusado de heresia teve de abandonar a capital francesa, acabando por se fixar em Genebra onde difundiu seus ideais, pois ganhou o apoio das autoridades, passando a ser chefe religioso e político da cidade, impondo a todos os seus habitantes uma rígida disciplina moral e religiosa, uma vez que a base de sua doutrina era o predestinação absoluta, que ia de encontro às aspirações burguesas.

A Inglaterra, no início do século XVI passava pelo fortalecimento do poder real, com o crescimento do comércio e o aumento da influência da Burguesia Mercantil. Também havia no país a insatisfação com relação à Igreja Católica, que explorava o trabalho servil, cobrava impostos da população e enviava a parte do dinheiro para Roma.

Foi nesse contexto histórico que o rei Henrique VIII, rompeu com a Igreja após a recusa a seu pedido de divórcio. Para esse rompimento contou com o apoio da nobreza e da burguesia comercial, pressionando o parlamento inglês para aprovar leis que aumentava seu poder sobre a Igreja Católica. Em 1534 foi aprovado o Ato de Supremacia, que o reconhecia como o único chefe da Igreja na Inglaterra, batizando-a com o nome de Igreja Anglicana. O anglicanismo tomou aspecto de religião nacional embora não tenha-se expandido como as outras doutrinas devido seu caráter político que era sua base principal.

Com tendências diversas, os anabatistas foi um movimento destituído de unidade e cujas primeiras manifestações ocorreram na Alemanha e na Suíça, posteriormente espalhando-se por outras regiões. Os anabatista tinham em comum a necessidade de rebatizar os indivíduos, de viver com simplicidade, de estabelecer a igualdade absoluta entre os homens.

A CONTRA REFORMA

Diante do avanço das idéias protestante, ganhou dentro do catolicismo, a Contra-Reforma movimento amplo de moralização do clero e da reorganização das estruturas políticas da Igreja que não podia ficar alheia ao movimento reformista. As primeiras manifestações desse movimento ocorreram em várias

regiões da Europa, muitas vezes acarretando perseguições e condenações dos protestantes através de algumas medidas:

Aprovação da Ordem dos Jesuítas, fundada em 1534 por Inácio de Loyola, dedicavam-se a combater as heresias e o protestantismo, catequizando os povos não-cristãos.

Convocação do Concílio de Trento resultou numa Igreja reformada e modernizada, reforçou-se a autonomia do papa e manteve todos os dogmas do catolicismo.

Restabelecimento da Inquisição, Instituição medieval destinada a fazer averiguações sobre heresias, bem como reprimi-las, foi revigorada pelo papa Paulo III. Era um tribunal eclesiástico com jurisdição unicamente sobre os católicos.

Dessa forma, a Reforma acarretou na cisão da cristandade, dividida em católicos, calvinistas, luteranos e inúmeras seitas rivais, sendo um dos pontos comuns aos protestantes a rejeição da autoridade pontifical.

BIBLIOGRAFIA

AQUINO, Rubim Santos L de, História das Sociedades: Modernas atuais. 21ª ed. Rev. e Atualizada. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico. 1988.

BOULOS Jr, Alfredo. História Geral: Moderna e Contemporânea Vol. II. São Paulo: FTD. 1995.

COTRIM, Gilberto e outros. História Geral: Para uma geração Consciente Moderna e Contemporânea. 8ª Ed. São Paulo: Saraiva. 1989.

ESCOLA ESTADUAL DE 2º GRAU ELPÍDEO DE ALMEIDA

DISCIPLINA: HISTÓRIA GERAL

ALUNO (A): _____

SÉRIE: _____ TURMA _____ TURNO: _____

PROF. (a) ESTAGIÁRIO (A) _____

“A REVOLUÇÃO INDUSTRIAL”

A Revolução Industrial teve início na segunda metade do século XVIII na Inglaterra, ocasionada por um conjunto de transformações econômicas, tecnológicas e sociais., que fortaleceu a transição do feudalismo para o capitalismo. Porém existe duas visões diferenciada sobre a Revolução Industrial. A primeira visão relaciona-se com Causas Remotas. Enquanto, que a segunda visão relaciona com uma Ruptura qualitativa nas estruturas sócio-econômicas. Ruptura esta iniciada com o desenvolvimento agrícola ocorrido a partir do séc. XVI, com os cercamentos dos campos comunais (enclousures), através da expulsão dos camponeses de suas terras, para dar lugar à criação de ovelhas. Acarretando na imigração desses camponeses para as áreas urbanas, concentrando-se nas periferias, onde ficavam à disposição dos empresários e as condições sub-humanas de vida.

Outro aspecto se deu através da evolução da produção industria na qual a transformação de matérias-primas em produtos acabados pode ser dividida em três etapas fundamentais: O artesanato (forma de produção típica do período medieval, em que todas as tarefas da produção eram feitas pela mesma pessoa, o artesão). A manufatura (uma forma de produção ampla e diversificada, pois o trabalhador não é mais responsável por todas etapas da

produção). A maquinofatura (é a forma mais e laborada de produção industrial, pois substitui várias ferramentas e uma grande quantidade de operários).

Dentre as precondições da Revolução Industrial podemos destacar como mais importante, a acumulação de capitais e a liberação da mão-de-obra, já que o capital e o trabalho são dois aspectos fundamentais do sistema capitalista. Uma vez que, o capital permite a compra das matérias-primas, das máquinas e do trabalho para a produção capitalista, pois a massa de trabalhadores que não mais tem os seus instrumentos de trabalho e por isso, para sobreviver, é obrigado vender sua força de trabalho. Desta forma o capitalista industrial comprava a força de trabalho do proletariado mediante o pagamento de salários e para obter os maiores lucros, procuravam manter o salário a um nível mínimo, enquanto explorava o máximo os trabalhadores. Devido aos baixo salários, milhares de trabalhadores não conseguiam assegurar a alimentação de suas famílias e para sobreviver mulheres e crianças de até seis anos, também eram obrigados a trabalhar, em busca de alguma remuneração

Portanto, em sentido restrito, a Revolução Industrial representou o processo de mecanização das indústrias, ocorrido inicialmente na Inglaterra em fins do século XVIII e, posteriormente, em outros países.

E a partir da máquina a vapor, houve uma Revolução Industrial, que em sua evolução, compreendeu várias fases. Enfim, a Revolução Industrial em termos globais representou a concretização do sistema capitalista, na medida em que alterou o dia-a-dia dos homens, a sua forma e de vida.

BIBLIOGRAFIAS BÁSICAS

AQUINO, Rubim Santos L de, História das Sociedades: Modernas atuais. 21ª ed. Rev. e Atualizada. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico. 1988.

COTRIM, Gilberto e outras. História Geral: Para uma geração Consciente Moderna e Contemporânea. 8ª Ed. São Paulo: Saraiva. 1989.

PAZZINATO, Alam Luiz & SENISE, Maria Helena V. História Moderna e Contemporânea. São Paulo. Ática, 1992.

ANEXO 4

PLANOS DE AULAS

Escola Estadual de 1º e 2º Graus Ademar Veloso da Silveira
Disciplina: História do Brasil
Orientadora: Nelma Baldin
Coordenadora da Prática de Ensino: Eronides C. Donato
Professor - Estagiário: Ricardo R. Nascimento (UFPB-Campus II/DHG)
Série: 5ª Turma: D Turno: Tarde
Carga Horária: 02 horas-aula (13:50 h - 14:40 h)
Unidade de Ensino: Brasil Colônia
Sub - unidade: Os primeiros habitantes do Brasil
Datas: 30/05/96 e 03/06/96

PLANO DE AULA

OBJETIVOS:

Identificar os aspectos culturais dos povos indígenas e seu contato com o homem branco no início da colonização;
Estabelecer as diferenças do entendimento de conceitos e noções de propriedade entre povos indígenas e brancos;
Identificar as circunstâncias que levaram ao extermínio indígena.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

Os aspectos culturais dos índios;
O conceito de propriedade para índios e brancos;
O extermínio indígena.

PROCEDIMENTO DIDÁTICOS:

Aula expositivo - dialogada com utilização de mapa.
Incentivar os alunos a participarem da aula com perguntas como: Quais foram os primeiros habitantes do Brasil; o que se sabe sobre eles. Refletir sobre a cultura indígena e compará-la com a do homem branco.

RECURSOS DIDÁTICOS:

Quadro para giz, giz, mapa, texto mimeografado e roteiro de aula.

AVALIAÇÃO:

Elaborar uma pequena redação sobre a cultura indígena, estabelecendo comparações com a nossa cultura.

BIBLIOGRAFIA:

BOULOS Jr, Alfredo. História do Brasil. São Paulo: FTD Vol. 1. 1994

Escola Estadual de 1º e 2º Graus Ademar Veloso da Silveira
Disciplina: História do Brasil
Orientadora: Nelma Baldin
Coordenadora da Prática de Ensino: Eronides C. Donato
Professor - Estagiário: Ricardo R. Nascimento (UFPB-Campus II/DHG)
Série: 5ª Turma: F Turno: Tarde
Carga Horária: 03 horas-aulas (13:50 h - 14:40 h)
Unidade de Ensino: Brasil Colônia
Sub - unidade: A expansão marítima e comercial portuguesa
Datas: 07/06/96; 12/06/96 e 14/06/96

PLANO DE AULA

OBJETIVOS:

Reconhecer os motivos que levaram à expansão marítima portuguesa, bem como às suas conquistas.
Identificar as diferentes situações do processo que levou à divisão das novas terras entre Portugal e Espanha.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

Os antecedentes que levaram à expansão comercial marítima portuguesa;
As técnicas e conhecimentos utilizados na navegação;
A Espanha nas grandes navegações;
A Bula Inter - Coetera;
O Tratado de Tordesilhas;
Brasil: Descoberta ou Conquista.

PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS:

Aula expositivo-dialogada com utilização de mapas.

RECURSOS DIDÁTICOS:

Quando para giz, giz, mapa mundi, mapa mimeografado, texto e roteiro de aula.

AVALIAÇÃO:

Pela participação e interesse dos alunos em sala de aula.

BIBLIOGRAFIA:

BOULOS Jr, Alfredo. História do Brasil. Vol. 1. Colônia. São Paulo: FTD. 1994

PILLETE, Nelson & PILLETE, Claudino. História e Vida. Brasil: Da Pré-História à Independência. Vol. 1 Colônia, 4ª Ed. São Paulo: Ática. 1991

Escola Estadual de 1º e 2º Graus Ademar Veloso da Silveira

Disciplina: História do Brasil

Orientadora: Nelma Baldin

Coordenadora da Prática de Ensino: Eronides C. Donato

Professor - Estagiário: Ricardo R. Nascimento (UFPB-Campus II/DHG)

Série: 5ª

Turma: F

Turno: Tarde

Carga Horária: 02 horas-aula (13:50 h - 14:40 h)

Unidade de Ensino: Brasil Colônia

Sub - unidade: A expansão marítima e comercial portuguesa

Datas: 19/06/96

PLANO DE AULA

OBJETIVOS:

Reconhecer o rendimento da aprendizagem dos alunos quanto ao conteúdo “A expansão marítima e comercial portuguesa.”

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

A expansão marítima e comercial portuguesa.

PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS:

Aplicação de um exercício de fixação através de demonstração em mapa e produção de texto.

RECURSOS DIDÁTICOS:

Quadro par giz, giz, mapa mimeografado e exercício mimeografado.

AVALIAÇÃO:

Pelo interesse e desempenho manifestados pelos alunos através do exercício de fixação aplicado.

BIBLIOGRAFIA:

BOULOS Jr, Alfredo. História do Brasil. Vol.1. Colônia. São Paulo: FTD. 1994

PILLETE, Nelson & PILLETE, Claudino. História e Vida. Brasil: Da Pré-História à Independência. Vol. 1. 4ª Edição. São Paulo: Ática, 1991.

Escola Estadual de 1º e 2º Graus Ademar Veloso da Silveira

Disciplina: História do Brasil

Orientadora: Nelma Baldin

Coordenadora da Prática de Ensino: Eronides C. Donato

Professor - Estagiário: Ricardo R. Nascimento (UFPB-Campus II/DHG)

Série: 5ª Turma: F Turno: Tarde

Carga Horária: 02 horas-aula (13:50 h - 14:40 h)

Unidade de Ensino: Brasil Colônia

Sub - unidade: O Brasil nos 30 primeiros anos

Datas: 10/07/96 e 12/07/96

PLANO DE AULA

OBJETIVOS:

Identificar os motivos que levaram à exploração do pau-brasil.

Comparar o sistema de organização das expedições exploradoras e policiadora com a expedição colonizador de Martim Afonso de Sousa.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

A expansão marítima portuguesa (revisão);

A exploração do pau-brasil;

As expedições exploradoras e policiadoras;

A expedição colonizadora de Martim Afonso de Sousa.

PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS:

Revisão do conteúdo anterior extensivo à sequente aula expositivo-dialogada com utilização de mapa, cartaz e texto mimeografados.

RECURSOS DIDÁTICOS:

Quadro para giz, giz, mapa, cartaz e texto mimeografado.

AVALIAÇÃO:

Pela participação e interesse dos alunos durante a aula.

BIBLIOGRAFIA:

BOULOS Jr, Alfredo. História do Brasil. Vol. 1 Colônia. São Paulo: FTD. 1994

PILLETE, Nelson & PILLETTI, Claudino. História e Vida. Brasil Da Pré-história à Independência Vol. 1 4ª Edição São Paulo: Ática, 1991

SILVA, Francisco de Assis. História do Brasil. Vol. 1. Colônia 3ª Edição. São Paulo: Moderna, 1994

Escola Estadual de 1º e 2º Graus Ademar Veloso da Silveira
Disciplina: História do Brasil
Orientadora: Nelma Baldin
Coordenadora da Prática de Ensino: Eronides C. Donato
Professor - Estagiário: Ricardo R. Nascimento (UFPB-Campus II/DHG)
Série: 5ª Turma: F Turno: Tarde
Carga Horária: 02 horas-aula (13:50 h - 14:40 h)
Unidade de Ensino: Brasil Colônia
Sub - unidade: O Brasil nos 30 primeiros anos
Datas: 17/07/96

PLANO DE AULA

OBJETIVOS:

Identificar o funcionamento do pacto colonial firmado entre a Metrópole e a Colônia, como um dos fatores para o desenvolvimento da colônia em função dos interesses da metrópole.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

O pacto colonial firmado entre a colônia e a metrópole.

PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS:

Retomada da aula anterior e conclusão do conteúdo com aula expositivo-dialogada e uso do cartaz, bem como o desenvolvimento de um exercício de fixação através da aplicação da Técnica da Tarjeta.

RECURSOS DIDÁTICOS:

Quando para giz, giz, cartaz, texto mimeografado e papel para o exercício de fixação.

AVALIAÇÃO:

Pela participação e interesse dos alunos durante a aula e na aplicação do exercício de fixação através da técnica da tarjeta.

BIBLIOGRAFIA:

BOULOS Jr, Alfredo. História do Brasil. Vol. 1 Colônia. São Paulo: FTD. 1994

SILVA, Francisco de Assis. História do Brasil. Vol. 1. Colônia 3ª Edição. São Paulo: Moderna, 1994

Escola Estadual de 1º e 2º Graus Ademar Veloso da Silveira
Disciplina: História do Brasil
Orientadora: Nelma Baldin
Coordenadora da Prática de Ensino: Eronides C. Donato
Professor-Estagiário: Ricardo R. Nascimento. (UFPB - Campus II - DHG)
Série: 5ª Turma: F Turno: Tarde
Carga Horária: 2 horas-aulas (13:50 - 14:40)
Unidade de Ensino: Brasil Colônia
Sub-unidade: A administração Colonial
Data: 19/07/96 ; 24/07/96

PLANO DE AULA

OBJETIVOS:

Reconhecer as características do funcionamento do sistema de capitanias hereditárias no Brasil Colônia.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

As capitanias hereditárias.

PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS:

Dramatização de um diálogo como tema gerador da aula, seguido de aula expositivo-dialogada com utilização de mapa e texto mimeografado.

RECURSOS DIDÁTICOS:

Quando para giz, giz, mapa, texto mimeografado e atores para a dramatização

AVALIAÇÃO:

Pela participação e interesse dos alunos em sala de aula.

BIBLIOGRAFIA:

BOULOS Jr, Alfredo. História do Brasil. Vol. 1 Colônia. São Paulo: FTD. 1994

PILLETE, Nelson & PILLETTI, Claudino. História e Vida. Brasil Da Pré-história à Independência Vol. 1 4ª Edição São Paulo: Ática, 1991

SILVA, Francisco de Assis. História do Brasil. Vol. 1. Colônia 3ª Edição. São Paulo: Moderna, 1994

Escola Estadual de 1º e 2º Graus Ademar Veloso da Silveira
Disciplina: História do Brasil
Orientadora: Nelma Baldin
Coordenadora da Prática de Ensino: Eronides C. Donato
Professor-Estagiário: Ricardo R. Nascimento. (UFPB - Campus II - DHG)
Série: 5ª Turma: F Turno: Tarde
Carga Horária: 1 hora-aula (13:50 - 14:40)
Unidade de Ensino: Brasil Colônia
Data: 31/07/96

PLANO DE AULA

OBJETIVO:

Responder a uma prova com questões subjetivas a respeito dos conteúdos: O Brasil nos trinta primeiros anos ; Capitânicas Hereditárias.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

O Brasil nos trinta primeiros anos.
As Capitânicas Hereditárias

PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS

Aplicação de prova escrita

RECURSOS DIDÁTICOS

Quadro para giz, e prova impressa

AVLIAÇÃO

Pelo índice de acertos nas questões proposta na prova. Será considerado satisfatório o percentual de 70% de acertos.

BIBLIOGRAFIA:

BOULOS Jr, Alfredo. História do Brasil. Vol. 1 Colônia. São Paulo: FTD. 1994

PILLETE, Nelson & PILLETTI, Claudino. História e Vida. Brasil: Da Pré-história à Independência Vol. 1 4ª Edição São Paulo: Ática, 1991

Escola Estadual de 2º Grau Elpídeo de Almeida (Prata)
CEPES - Centro Paraibano de Educação Solidária
Disciplina: História Geral
Orientadora: Nelma Baldin
Coordenadora da Prática de Ensino: Eronides C. Donato
Professor-Estagiário: Ricardo R. Nascimento. (UFPB - Campus II - DHG)
Série: 3ª Turma: G Turno: Manhã
Carga Horária: 2 horas-aulas (07: 00 h - 08:30 h)
Unidade de Ensino: História Moderna
Sub-unidade: A Reforma Protestante e a Contra-Reforma
Data: 11/07/96

PLANO DE AULA

OBJETIVOS:

Identificar as razões da origem da Reforma Protestante.
Relacionar aspectos do movimento Lutero com o Calvinismo e o Anglicanismo.

CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS:

Contexto histórico em que se originar a Reforma Protestante.
A Reforma Luterana
A expansão Luterana
A expansão da Reforma:
 O Calvinismo
 O Anglicanismo

PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS:

Aula expositiva com leitura explicativa de texto.

RECURSOS DIDÁTICOS:

Quadro para giz, giz e texto mimeografado.

AVALIAÇÃO:

Pelo interesse e participação dos alunos em sala de aula.

BIBLIOGRAFIA:

AQUINO, Rubim Santos L de, História das Sociedades: Modernas atuais. 21ª ed. Rev. e Atualizada. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico. 1988.

COTRIM, Gilberto e outras. História Geral: Para uma geração Consciente Moderna e Contemporânea. 8ª Ed. São Paulo: Saraiva. 1989.

PAZZINATO, Alam Luiz & SENISE, Maria Helena V. História Moderna e Contemporânea. São Paulo. Ática, 1992.

Escola Estadual de 2º Graus Elpídeo de Almeida (Prata)
CEPES - Centro Paraibano de Educação Solidária
Disciplina: História Geral
Orientadora: Nelma Baldin
Coordenadora da Prática de Ensino: Eronides C. Donato
Professor-Estagiário: Ricardo R. Nascimento. (UFPB - Campus II - DHG)
Série: 3ª Turma: G Turno: Manhã
Carga Horária: 2 horas-aulas (07: 00 h - 08:30 h)
Unidade de Ensino: História Moderna
Sub-unidade: A Reforma Protestante e a Contra-Reforma
Data: 18/07/96

PLANO DE AULA

OBJETIVOS:

Reconhecer a reação da Igreja Católica com relação à Reforma Protestante através das medidas então tomadas.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

A Contra-Reforma:
Companhia de Jesus;
Concílio de Trento;
A Inquisição.

PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS:

Aula expositivo-dialogada com leitura explicativa de texto e aplicação de um exercício de fixação do conteúdo da subunidade trabalhada.

RECURSOS DIDÁTICOS:

Quadro para giz, giz, texto e exercício mimeografados.

AVALIAÇÃO:

Pela participação e interesse em sala de aula e resolução de exercício.

BIBLIOGRAFIA:

AQUINO, Rubim Santos L de, História das Sociedades: Modernas atuais. 21ª ed. Rev. e Atualizada. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico. 1988.

BOULOS Jr, Alfredo. História Geral: Moderna e Contemporânea Vol. II. São Paulo: FTD. 1995.

PAZZINATO, Alam Luiz & SENISE, Maria Helena V. História Moderna e Contemporânea. São Paulo. Ática, 1992.

Escola Estadual de 2º Grau Elpídeo de Almeida (Prata)
CEPES - Centro Paraibano de Educação Solidária
Disciplina: História Geral
Orientadora: Nelma Baldin
Coordenadora da Prática de Ensino: Eronides C. Donato
Professor-Estagiário: Ricardo R. Nascimento. (UFPB - Campus II - DHG)
Série: 3ª Turma: G Turno: Manhã
Carga Horária: 2 horas-aulas (07: 00 h - 08:30 h)
Unidade de Ensino: História Moderna
Sub-unidade: A Revolução Industrial
Data: 25/07/96

PLANO DE AULA

OBJETIVOS:

Identificar os fatores que impulsionaram a Revolução Industrial.

Reconhecer aspectos do processo de produção industrial.

Analisar as condições de vida dos operários da indústria ainda em formação.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

Fatores da Revolução Industrial;
A evolução do processo de produção;
As condições de vida do operário da indústria em formação.

PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS:

Aula expositivo-dialogada com leitura de texto para maiores esclarecimentos

RECURSOS DIDÁTICOS:

Quadro para giz, giz e texto.

AVALIAÇÃO:

Pela participação e interesse dos alunos em sala de aula.

BIBLIOGRAFIA:

AQUINO, Rubim Santos L de, História das Sociedades: Modernas atuais. 21ª ed. Rev. e Atualizada. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico. 1988.

COTRIM, Gilberto e outras. História Geral: Para uma geração Consciente Moderna e Contemporânea. 8ª Ed. São Paulo: Saraiva. 1989.

PAZZINATO, Alam Luiz e SENISE, Maria Helena V. História Moderna e Contemporânea. São Paulo. Ática, 1992.

ANEXO 5

REGISTRO DAS AULAS

REGISTRO DAS AULAS

5º D 1º aula: 29/05

Conteúdo :

Apresentação e Sondagem 1 aula.

5º D 2º aula : 31/ 05

Conteúdo :

A cultura indígena no Brasil 1 aula.

5º D 3º aula: 05/06

Continuação da aula anterior :

A cultura indígena no Brasil

5º F 4º aula : 07/06

Introdução ao conteúdo :

As grandes Navegações 1 aula.

5ºF 5º aula : 12/06

Continuação do conteúdo :

As grandes navegações 1 aula.

5ºF 6º aula : 14/06

Conclusão do conteúdo:

As grandes Navegações 1 aula

5ºf 7º aula : 19/ 06

Aplicação do exercício sobre as grandes navegações.

10/07/96:

Conteúdo: Revisão do assunto- As Grandes Navegações e Introdução do conteúdo: O Brasil nos trinta primeiros anos. (1h/aula).

12/07/96

Conteúdo: continuação do conteúdo “o Brasil nos trinta primeiros Anos.(1h/aula)

17/07/96:

Conteúdo: conclusão do conteúdo “O Brasil nos trinta primeiro anos e aplicação do exercício a ser resolvido em casa.(1h/aula)

24/07/96:

Conteúdo : conclusão do conteúdo-A administração colonial : As capitâneas hereditárias. (1h/aula)

31/07/96:

Avaliação do 2º Bimestre através de prova escrita com os conteúdos :

- O Brasil nos trinta primeiros anos.
A administração colonial . As capitâneas hereditárias. (1h/aula).

ANEXO 6

DIÁLOGO

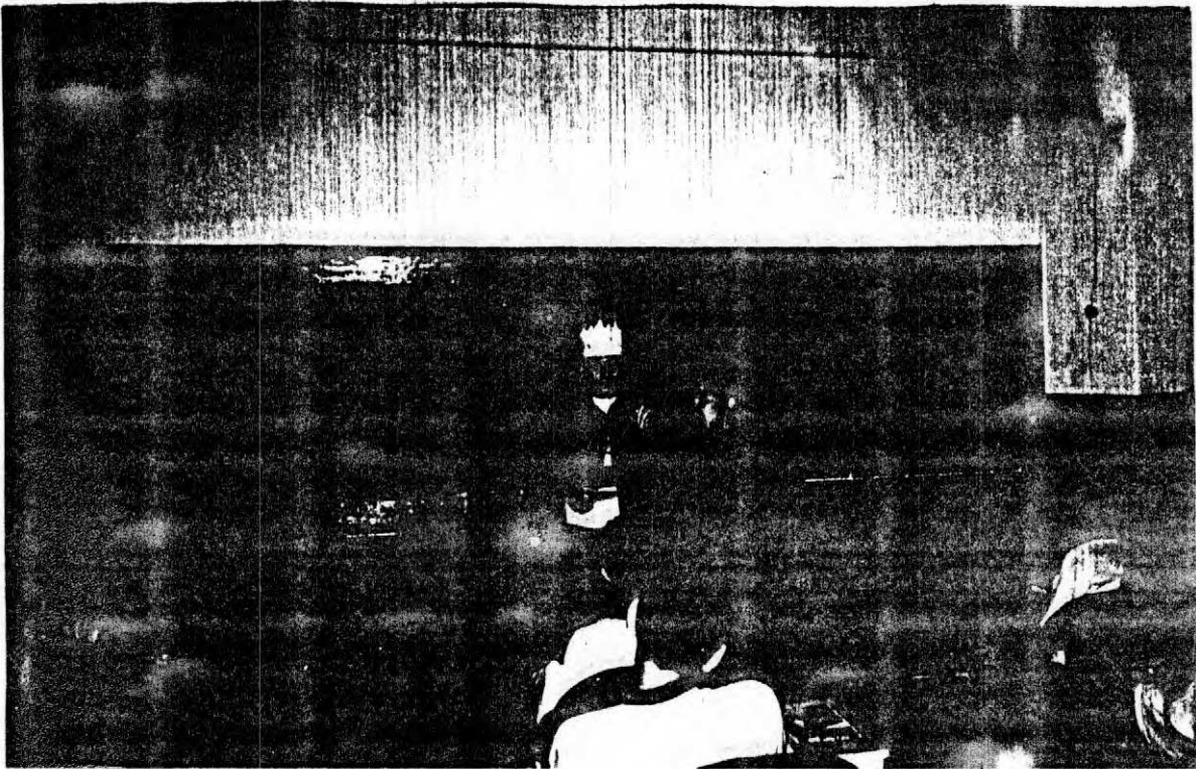
Possível diálogo entre o rei de Portugal e um dos seus ministros no início da colonização do Brasil

- Rei* — Meu caro ministro, a situação econômica do reino não é das melhores.
- Ministro* — Não, Alteza? E o nosso comércio com as especiarias?
- Rei* — Já não somos mais senhores do comércio das especiarias.
- Ministro* — Por quê?
- Rei* — Porque os ingleses, os franceses e os holandeses se intrometeram em nosso caminho.
- Ministro* — E as fortunas que conseguimos com esse comércio?
- Rei* — Fortunas conseguidas são gastas, meu nobre. E se outras fontes de riquezas não são descobertas, as nações empobrecem.
- Ministro* — Quer dizer que Portugal está empobrecendo?
- Rei* — Está!
- Ministro* — E o que devemos fazer?
- Rei* — Tomar providências urgentes!
- Ministro* — Quais, por exemplo?
- Rei* — Transformar o Brasil numa fonte de riquezas!
- Ministro* — Mas para isso é preciso colonizar, e colonizar uma área como o Brasil exige muito dinheiro.
- Rei* — Eu sei! Já mandei Martim Afonso de Sousa iniciar a colonização, porém não é suficiente.

- Ministro* — Eu confesso que não vejo uma solução imediata para o desenvolvimento da colonização do Brasil, Alteza, já que não temos dinheiro para isso.
- Rei* — Eu acho que encontrei uma solução, meu caro nobre!
- Ministro* — E qual é, meu rei?
- Rei* — Dividir o Brasil em capitanias hereditárias!
- Ministro* — Não entendi, Alteza!
- Rei* — É simples! Eu divido o Brasil em grandes faixas de terra, que vão do litoral até o limite determinado pelo Meridiano de Tordesilhas, e concedo poderes e direitos a alguns homens sobre essas capitanias.
- Ministro* — E daí, Alteza?
- Rei* — E daí que a obrigação de colonizar as terras do Brasil será desses homens a quem eu conceder as capitanias.
- Ministro* — Isto quer dizer que serão os donatários das capitanias que terão de usar o seu próprio dinheiro para colonizar as terras do Brasil?
- Rei* — Perfeitamente!
- Ministro* — Assim Vossa Alteza está transferindo para eles as despesas da colonização!
- Rei* — Este é o segredo, meu caro ministro!
- Ministro* — Parabéns, Alteza! Parabéns!!!

ANEXO 7

FOTO DA DRAMATIZAÇÃO



ANEXO 8

AVALIAÇÕES

ESCOLA DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

DISCIPLINA: HISTÓRIA DO BRASIL

ALUNO (A): _____

SÉRIE: _____ **TURMA:** _____ **TURNOS:** _____

PROFESSOR (A)/ESTAGIÁRIO (A): _____

PROVA DO 2º BIMESTRE

1) O que foi o sistema de capitânicas hereditárias? Por que tinha esse nome?

2) Elabore uma frase para cada palavra:

- pau-brasil;
- caravela;
- colonização.

3) Faça uma pequena redação sobre um dos assuntos que mais lhe chamou a atenção.

ESCOLA DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

DISCIPLINA: HISTÓRIA DO BRASIL

ALUNO (A): _____

SÉRIE: _____ TURMA: _____ TURNO: _____

PROFESSOR (A)/ESTAGIÁRIO (A): _____

Faça uma redação sobre:

“As Grandes Navegações” - Com suas palavras.

CEPES - CENTRO EDUCACIONAL PARAIBANO DA EDUCAÇÃO
SOLIDARIA

ESCOLA ESTADUAL DE 2º GRAU ELPÍDIO DE ALMEIDA

DISCIPLINA: HISTÓRIA GERAL

PROFESSOR (A)/ESTAGIÁRIO (A): _____

ALUNO (A): _____

EXERCÍCIO DE FIXAÇÃO

(UNIDADE: REFORMA PROTESTANTE E CONTRA-REFORMA)

- 1) Na aula passada estudamos aspectos da Reforma Protestante e do Renascimento. Lembrando-se desses assuntos, relacione comparativamente os aspectos culturais e científicos da Reforma e do Renascimento.
- 2) Escreva em algumas palavras, o que você entende quanto ao sentido da Reforma Protestante
- 3) A Contra-Reforma Católica significou uma reação do protestantismo ou uma reforma na Doutrina Católica? Escreva o que entendeu a respeito.



LOCALIZE NO MAPA :

Faça um círculo na região conhecida como 'As Índias'.

Os Continentes:

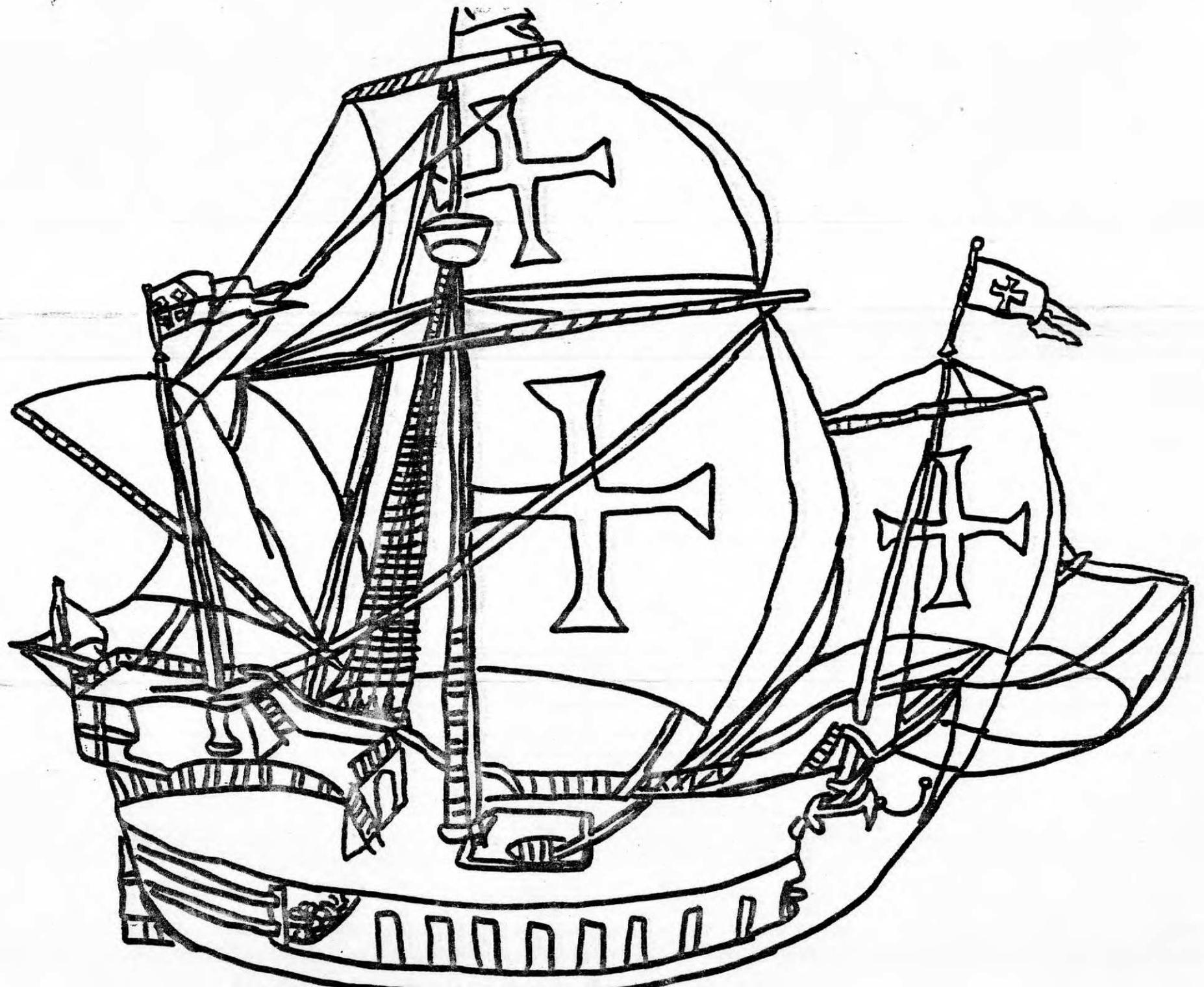
- América
- África
- Europa
- Ásia

Os Países:

- Portugal
- Espanha

Os Oceanos e mares

- Atlântico
- Índico
- Mar Mediterrâneo



ANEXO 9

EXERCÍCIO

A Europa era um país muito grande um país com
muitas pessoas lá vendia muitas coisas como
o ^{cravo} grande a camela e etc. Canela e Zenziba eram
monopólios Portugal foi o primeiro país que entrou
na expansão marítima Portugal e a Europa
eram países grandes e moram muitas pessoas
a Europa eram lugares que vendiam
sobre o oceano e etc.

Suerda, ^{Sim}

A Europa é um continente e não um país

Os índios em Pentágua al transporta
estas coisas, no tempo dele são os trabalhos do trabalho
depois, e os filhos dos índios, era uma vida pa
mielica, eles gostavam e se preocupavam
muito com os filhos, eles saía a sua casa
e sua mulher ficava em casa cuidando dos
filhos, quando os filhos tinham a partir de
4, 6 anos já começavam a trabalhar

Eles traziam das Índias camela, e etc...
Eu me lembro que eles também traziam
farros etc.

Também me lembro que eles navegaram
em busca de outras grandes navegações,

ANEXO 10

EXERCÍCIO DA TARJETA

1. Colonização

Pau Brasil - Era muito valiosa porque servia para muitas coisas importantes. Os franceses estavam roubando o Pau Brasil. Com isso o rei de Portugal ficou muito preocupado que ~~se~~ quando suas riquezas o rei tomou a ideia antes proibido, ainda antes descobriu uma forma de proteger suas terras ~~o~~ monopolizando os donatários para o governo real.

Expulsões - as duas expulsões que de Martim Afonso de Sousa ele tinha como dever proteger suas terras ou seja a dele e também as do rei proteger contra os franceses.

monopólio - garantia e certeza que cada um tinha seu monopólio ou seja sua propriedade ~~na~~ cada um tinha sua própria rota. eles não podia trafegar aquela rota. Exemplo se na minha ilha que está dentro do meu reino, rota estiverem abrindo ou seja nela quem não era só meu quem violasse seria preso.

franceses - invadir as terras litorais de Portugal para roubar suas riquezas ou seja o pau-brasil.

modo de obra - a mão de obra
dos portugueses seu dia assim nenhuma
porque o português rogava besteiros
para os índios fazerem mais trabalho

em ^{para} ^{quanto}
indígena - os índios tinham uma vida
simples quando os portugueses chegaram
quando eles chegaram começaram a temer
suos temer e começaram a trabalhar
mas tinham certeza mais por breves
dias que chegou a escravidão.

Estorvos - grandes armazéns feitos para
guardar o pau - Brasil

A mão de obra dos portugueses era
uma mercadoria para os índios ~~na~~

Índigena -

Os índios eram quase os únicos trabalhadores
quase por toda a lida e usavam o Pau Brasil
para as feições. Também o Pau-Brasil serviam
de guarda para os portugueses.

Fúterios - são grandes armamentos que usavam
por guardar o Pau Brasil e seja armamento
o Pau Brasil.

o Pau-Brasil - o Pau-Brasil era muito
útil para os portugueses que servia
para muitas coisas de a ~~utilidade de~~ ali
de Portugal.

Expedição - Expedições eram grandes
viagens que os portugueses faziam
para descobrir terras. Se

monopólio - eram os rotas ~~para~~ que Genova
e Veneza tinham ou seja cada um tinha que
ter sua própria rota de viagens
genova tinha sua rota e Veneza também.

fronteiras - as fronteiras ~~na~~ relação o Pau Brasil
dos portugueses ~~na~~ relação o Pau Brasil
e Portugal com suas terras

João de Franca Bezerra Nº 23

História

monopólio -> era comerciantes que queriam explorar o pau-brasil que era um pau que dele fazia mercurio, lenha e etc os índios trabalhavam muito para os portugueses e a troca do trabalho ganhavam, machados, colar e facas, espelhos e etc.

Feitorias -> era o lugar onde os portugueses guardavam todas as madeiras.

Expedições -> eram aventureiros que fundavam feitorias e etc.

Pau-brasil -> servia para tingir tecidos e do pau-brasil faziam mercurio, e madeiras

Mão de obra indígena -> serviam para extrair e transportar cascas que os índios faziam.

Exploração -> os portugueses exploraram muitos os índios e em troca do trabalho eles ganhavam objetos e ficam muito satisfeitos.

Colonização -> os portugueses colonizaram os índios e eles trabalhavam com eles e os índios iam por que os índios gostavam muito de trabalhar.

Portugal -> era a um país que entrou na expansão marítima na conquista de Ceuta que era escola de sagres.

10) Era um tratado com asses portuguesas

- a) Colonização
- b) Pau-Brasil
- c) Impedimentos
- d) Exploração
- e) Portugal
- f) Monopólio
- g) Franceses
- h) Mão de obra
- i) Índios

- a) anunciaram a colonização para com
- b) a mão de obra dos indígenas da
- c) Os portugueses descobriram o pau-Brasil para seu comércio e o pau-Brasil tinha uma grande importância comercial.
- d) proibiram muitas exportações uma delas a da canela colheu em 1503.
- e) com o aumento da exploração do pau-Brasil, um grupo de comerciantes
- f) em Portugal iniciou a expansão marítima
- g) O Pau-Brasil era monopólio de Portugal
- h) Os franceses ameaçavam a dominação dos portugueses sobre os territórios do Brasil
- i) Mão de obra indígena para extração, monopólio e comércio para ganhar dinheiro como: espelhos, facas, etc.

colonização: expedição de Martim
Afonso de Sousa (1530)

- objetivo: iniciar a colonização
combater a invasão francesa
fundação da vila de São Vicente
criação do primeiro engenho
da cana-de-açúcar.

Pau-Brasil = O Pau-Brasil foi o
único produto de valor e inter-
esse. O Pau-Brasil tinha valor
comercial porque servia para
fazer tintos e fabricar me-
rcês, casaca, e marfim. O Pau-Brasil
era monopólio do rei de Portugal.

Expedições = Gaspar de Lemos (1501)

- objetivo exploração

- Percorreu o litoral

2ª expedição = Gonçalo Coelho (1503)
arrendatários

fundar feitorias

3ª e 4ª = Cristovão Jaques Polici-
adora.

Portugal = Iniciou a expansão
marítima. Conquista de Ceuta

(1415) a escola de sagres ilha da madeira e açores.

monopólio = Dessa forma o pau Brasil só podia ser explorado com a autorização do rei de Portugal sendo assim era monopólio do rei. Portanto, os comerciantes que queriam explorar o pau Brasil, erguiam feitorias onde guardavam a madeira até que os navios chegassem para levá-la.

Franceses = Ameaçavam o domínio português sobre as terras do Brasil. Organizou expedições, devido a ameaça francesa, mas não conseguiram devido a grande extensão do litoral.

não-de-obra-indígena = Para extrair e transportar a madeira e em troca recebiam objetos como, espelhos, foias, facas, tecidos etc.

Feitorias = Onde guardavam a madeira até que os navios chegassem para levá-la. Diante dessa situação, haviam povos

ANEXO 11

PROVA DOS ALUNOS

ESCOLA ESTADUAL DE 1º e 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

DISCIPLINA: HISTÓRIA DO BRASIL

ALUNO(A): Henrique Lopes da Silva

SÉRIE: 5ª TURMA: F TURNO: tarde

PROFESSOR-ESTAGIÁRIO: Ricardo

PROVA DO 2º BIMESTRE

40

- $\frac{3,0}{0,0}$ 1) O que foi o sistema de capitanias hereditárias? Por que tinha esse nome?
- $\frac{3,0}{1,5}$ 2) Elabore uma frase para cada palavra:
- pau-brasil
- caravela
- colonização
- $\frac{4,0}{2,5}$ 3) Faça uma pequena redação sobre um dos assuntos que mais lhe chamou a atenção.

RESPOSTAS

1- ??

2- O pau-brasil é um very grande material de fazer sapatos etc.

3- Os portugueses, mantiveram de outros colonizadores?

3- Os índios, eram muito cuidadosos com os touros que pertenciam a ele e também muito fofos também.

ESCOLA ESTADUAL DE 1º e 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

DISCIPLINA: HISTÓRIA DO BRASIL

ALUNO (A) Flávia Adruata Vieira de Araújo

SÉRIE: 5ª TURMA: F TURNO:

PROFESSOR-ESTAGIÁRIO: Ricardo

PROVA DO 2º BIMESTRE

60
[Handwritten signature]

- $\frac{30}{15}$ 1) O que foi o sistema de capitânias hereditárias? Por que tinha esse nome?
- $\frac{30}{25}$ 2) Elabore uma frase para cada palavra:
- pau-brasil
- caravela
- colonização
- $\frac{40}{20}$ 3) Faça uma pequena redação sobre um dos assuntos que mais lhe chamou a atenção.

1- As capitânias foi utilizadas para dividir as terras

2- O pau Brasil é muito útil para fazer moléias
e as caravelas eram um tipo de barcos
a colonização era para colonizar os ~~indios~~
indios e o Brasil

3- O pau Brasil já tinha aqui no Brasil,
quando os portugueses chegaram ao Brasil.
O pau Brasil servia para dingir roupas,
fazer moléias etc.

ESCOLA ESTADUAL DE 1ª e 2ª GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

DISCIPLINA: HISTÓRIA DO BRASIL

ALUNO(A): Michelle Costa de Lima N: 30

SÉRIE: 5-

TURMA: F

TURNO: tarde

PROFESSOR-ESTAGIÁRIO: Ricardo

PROVA DO 2º BIMESTRE

90
RH

3,0) 1) O que foi o sistema de capitânias hereditárias? Por que tinha esse nome?

2,0

2) Elabore uma frase para cada palavra:

3,0

- pau-brasil

3,0

- caravela

- colonização

4,0) 3) Faça uma pequena redação sobre um dos assuntos que mais lhe

4,0

chamou a atenção.

↳ São ^{capitânias} estados divididos em várias partes. Porque passava de pai para filho.

2) O Pau-Brasil era o único produto de valor e interesse.

caravela era usada para se deslocarem de um lugar para outro a caravela servia de trem para os índios portugueses

colonização foi uma ideia usada pelo rei de Portugal para dividir

as capitânicas hereditárias.

3) As capitânicas hereditárias eram uma colonização que o rei de Portugal criou e dividiu os ^{capitânicas} estados em várias partes.

As capitânicas hereditárias eram passadas de pai para filho.

Quando o pai morria passava as terras para seu filho mais velho.

As terras foram divididas em 15 e dadas a 12 donatários que dizer uns ganharam mais do que os outros.

5,0
FHT

- 3,0
1,0
- 3,02) O que foi o sistema de capitâneas hereditárias? Por que tinha esse nome? *para ser herdado em capitâneas hereditárias?*
- Elabore uma frase para cada palavra:
- pau-brasil *O nome de Pau-brasil foi dado*
 - caravela *caravela e Sica*
 - colonização *a colonização e a economia*
- 1,03) Faça uma pequena redação sobre um dos assuntos que mais lhe chamou a atenção.
- 2,0

O assunto que mais me chamou a atenção foi o assunto do Pau-Brasil foi um máximo

O Pau Brasil era monopólio

No rei de Portugal o Pau Brasil o um grupo de comerciantes etc... direcionados por fim ao de ouro

ESCOLA ESTADUAL DE 1ª e 2ª GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA
DISCIPLINA: HISTÓRIA DO BRASIL
ALUNO (A):
SÉRIE: 0- TURMA: F. TURNO: tarde
PROFESSOR-ESTAGIÁRIO: F. R. C. A. D.

PROVA DO 2º BIMESTRE

90

~~100~~

- 30/30 1) O que foi o sistema de capitânias hereditárias? Por que tinha esse nome?
- 2) Elabore uma frase para cada palavra:
30/30 - pau-brasil
- caravela
- colonização
- 40/30 3) Faça uma pequena redação sobre um dos assuntos que mais lhe chamou a atenção.

Respostas

- 1º) São estados hereditários hereditários e se chama pau porque pau de pau para o pau
- 2º) O Pau-Brasil era um produto que tinha muito valor. A caravela é um transporte muito usado na Europa. A colonização foi muito importante para Portugal.
- 3º) Eu acho o mais importante foi as histórias das índias, que ele foi enganado pelos portugueses para ganhar a vida dele.

ANEXO 12

RESULTADO DA AVALIAÇÃO

RESULTADO DA AVALIAÇÃO DO 2º BIMESTRE.

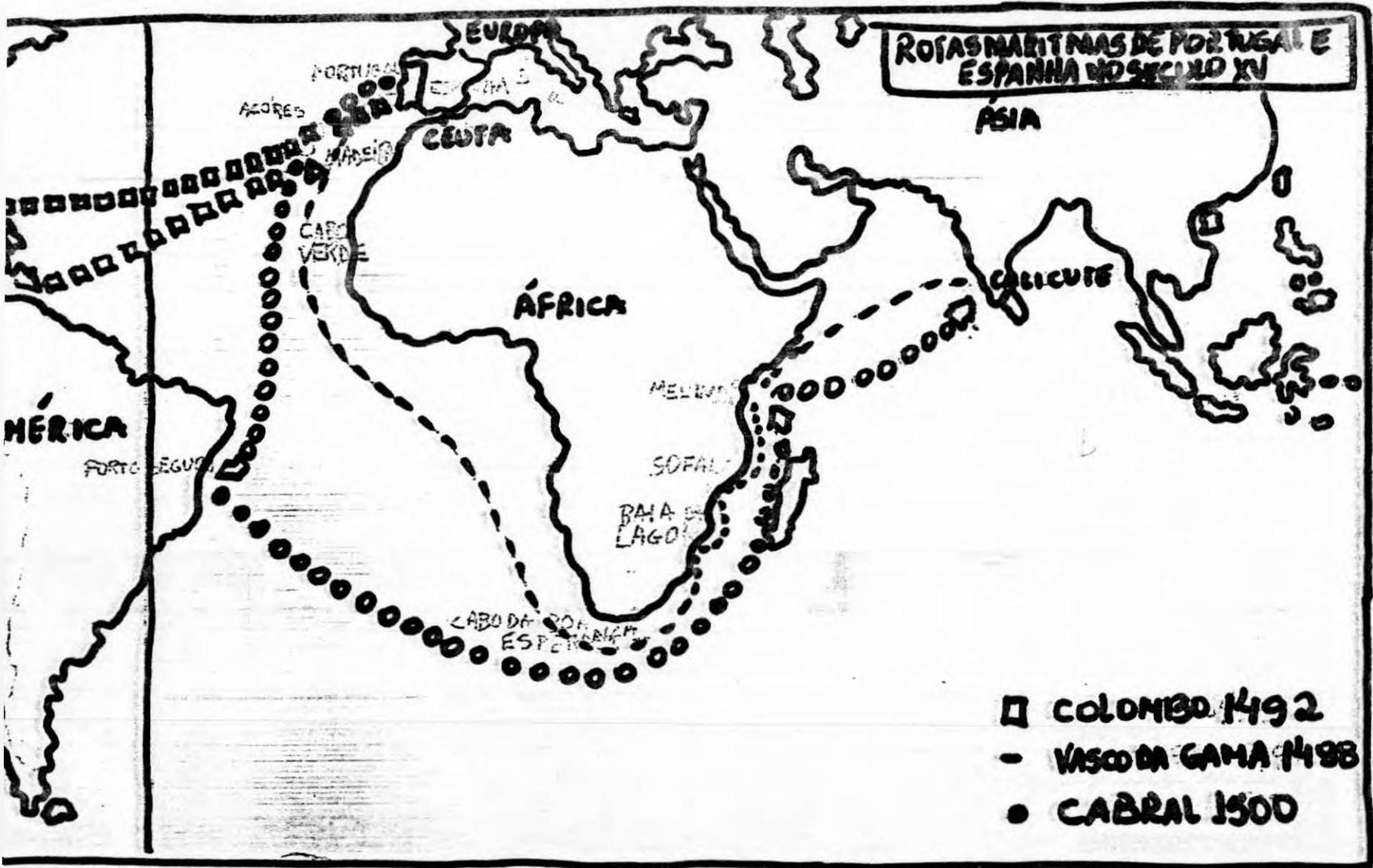
ALU- NOS	1º EXEC.	2º EXEC.	MÉDIA
1	N/C	4.0	INDEF
2	6.0	9.0	7.5
3	2.0	N/C	INDEF
4	2.0	N/C	INDEF
5	5.0	9.0	7.0
6	N/C	5.0	INDEF
7	3.0	5.0	4.0
8	2.0	6.0	4.0
9	7.0	5.0	6.0
10	2.0	N/C	INDEF
11	N/C	1.0	INDEF
12	N/C	5.0	INDEF
13	6.0	6.0	6.0
14	3.0	7.0	5.0
15	4.0	6.0	5.0
16	5.0	8.0	6.5
17	2.0	N/C	INDEF
18	N/C	5.0	INDEF
19	5.0	6.0	5.5
20	4.0	4.0	4.0
21	6.0	8.0	7.0
22	2.0	2.0	2.0
23	8.0	6.0	7.0
24	5.0	6.0	5.5
25	5.0	6.0	5.5
26	4.0	N/C	INDEF
27	7.0	7.0	7.0
28	3.0	4.0	3.5
29	2.0	0.0	INDEF
30	8.0	9.0	8.5
31	8.0	7.0	7.5
32	2.0	0.0	INDEF
33	7.0	5.0	6.0
34	6.0	6.0	6.0
35	N/C	1.0	INDEF

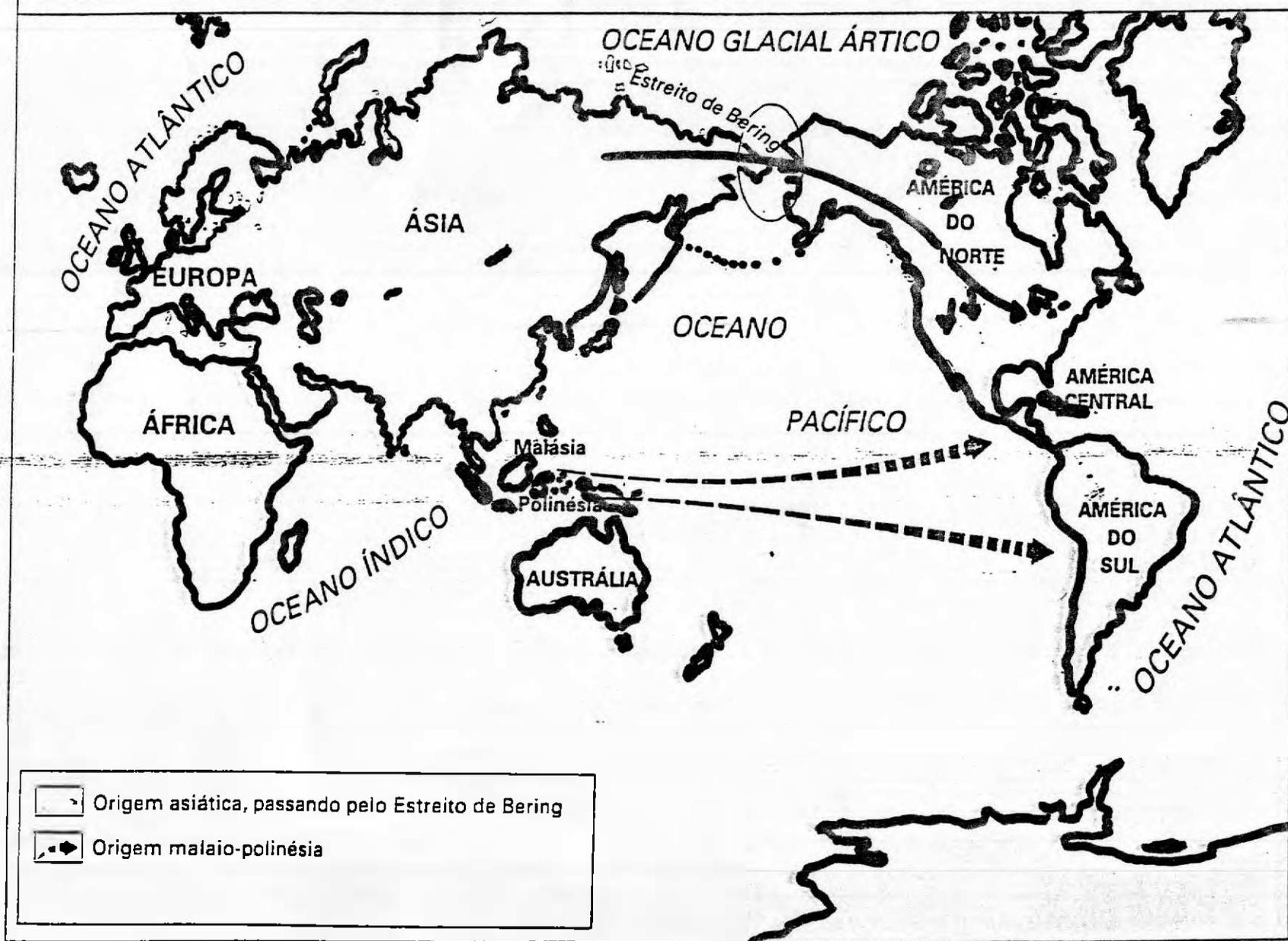
36	7.0	7.0	7.0
37	N/C	2.0	INDEF
38	5.0	5.0	5.0
39	N/C	N/C	N/C
40	8.0	6.0	7.0
41	8.0	5.0	6.5
42	5.0	5.0	5.0

OBS: Optamos por colocarmos o número dos alunos correspondente a lista de presença para que não fosse possível a indentificação dos mesmos.

ANEXO 13

MAPAS





PRINCIPAIS NAÇÕES INDÍGENAS QUE POVOARAM AS TERRAS BRASILEIRAS